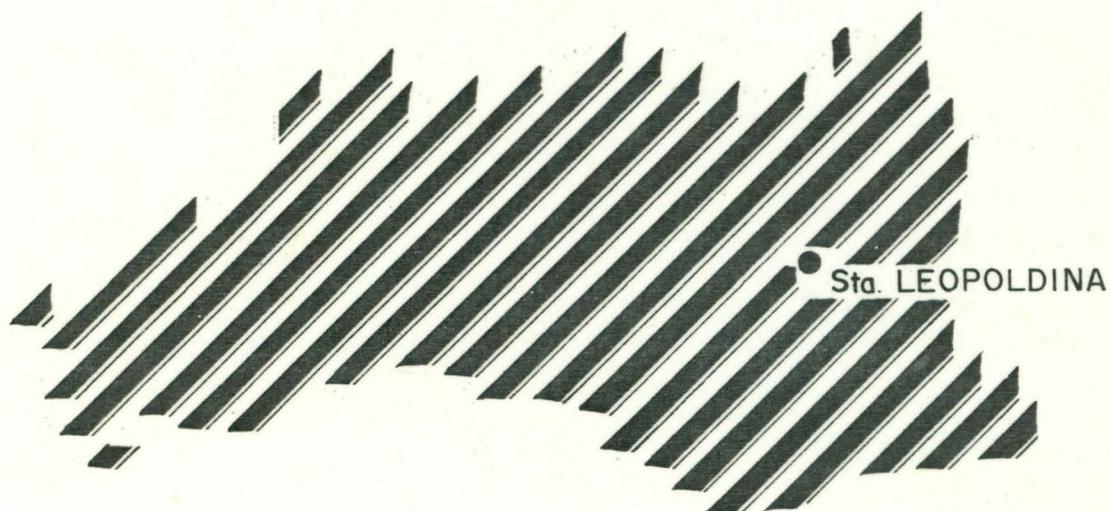


IJ00279/44

GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

Coordenação Estadual do Planejamento
Grupo Executivo de Recuperação Econômica do Espírito Santo



RELATÓRIO MUNICIPAL

PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL INTEGRADO



IJ00279/44
6661/1985
EX: 1

JONES DOS SANTOS NEVES

GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
Coordenação Estadual do Planejamento
Grupo Executivo de Recuperação Econômica do Espírito Santo

Sta. LEOPOLDINA

RELATÓRIO MUNICIPAL
PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL INTEGRADO

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES

2400279

6661/85
1999



RELATÓRIO MUNICIPAL DE SANTA LEOPOLDINA



GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
COORDENAÇÃO ESTADUAL DO PLANEJAMENTO
GRUPO EXECUTIVO DE RECUPERAÇÃO ECONÔMICA DO ESPÍRITO SANTO
INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES

RELATÓRIO MUNICIPAL DE SANTA LEOPOLDINA

NOVEMBRO/84

GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

Gerson Camata

COORDENAÇÃO ESTADUAL DO PLANEJAMENTO

Orlando Caliman

GRUPO EXECUTIVO DE RECUPERAÇÃO ECONÔMICA DO ESPÍRITO SANTO

José Teófilo de Oliveira

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES

Manoel Rodrigues Martins Filho

EQUIPE TÉCNICA

COORDENAÇÃO

Carlos Teixeira de Campos Júnior

PESQUISA DE CAMPO

Ana Luzia Fregonazzi Botéchia

Carlos Teixeira de Campos Júnior

Maria da Penha Cossetti

ELABORAÇÃO

Carlos Teixeira de Campos Júnior

EQUIPE DE APOIO DO IJSN

AGRADECIMENTO

A equipe de elaboração e todos os participantes do PDRI agradecem

- aos supervisores e técnicos dos Escritórios Locais da EMATER,
- aos presidentes ou membros de Diretorias de Sindicatos,
- aos agentes do MEPES (Movimento Educacional e Promocional do Espírito Santo),
- aos agentes das Igrejas que nos receberam e
- aos produtores rurais, por terem, de forma tão atenciosa, nos recebido para as entrevistas.

Gostaríamos de deixar claro que, sem esta preciosa colaboração, não seria possível a realização deste trabalho.

| ÍNDICE | PÁGINA |
|----------------------------------------------------------|--------|
| 1. INTRODUÇÃO | 6 |
| 2. CONDIÇÕES NATURAIS | 10 |
| 2.1. SITUAÇÃO GEOGRÁFICA | 10 |
| 2.2. RELEVO | 10 |
| 2.3. SOLOS | 11 |
| 2.4. CLIMA | 11 |
| 2.5. HIDROGRAFIA | 12 |
| 3. ESTRUTURA DA PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA DO MUNICÍPIO | 13 |
| 3.1. PRINCIPAIS ATIVIDADES AGROPECUÁRIAS | 13 |
| 3.2. ESTRUTURA FUNDIÁRIA | 23 |
| 3.3. RELAÇÕES DE TRABALHO | 33 |
| 3.4. CONDIÇÕES TÉCNICAS | 34 |
| 4. SETORES DE PRODUÇÃO | 44 |
| 5. CONCLUSÕES | 54 |
| ANEXO | 67 |
| - Relatório da Cooperativa de Santa Maria do Jetibã | |
| - Dados do Computador | |

Na dinâmica da elaboração dos PDRI's (Programas de Desenvolvimento Regional Integrado) das várias Regiões-Programa em que o Estado do Espírito Santo está oficialmente dividido, os *Relatórios Municipais* ocupam lugar de destaque.

Como o próprio nome indica, originalmente surgiram em decorrência da preocupação de se organizar e sistematizar as informações trabalhadas em escritório e colhidas em campo. Num primeiro momento, o Relatório Municipal cumpriu a função de um documento de trabalho, em vista da elaboração dos Relatórios Regionais. Com o passar do tempo, principalmente após a mudança do governo estadual em 1983, os Relatórios Municipais começaram a ter destaque no trabalho do PDRI devido sua demanda pelas prefeituras municipais e outros órgãos estaduais, em especial a Secretaria de Agricultura.

Quanto à metodologia utilizada no seu desenvolvimento, destacam-se os seguintes passos e considerações:

a) Levantamento de dados secundários para a preparação da viagem a campo.

Inicialmente foi definida uma série de dados (perfil da produção, estrutura fundiária, relações de trabalho, etc.) a serem coletados no Censo Agropecuário e em outras fontes, como os dados organizados por computador, a partir da Folha de Coleta do Censo. De posse desses dados, com a devida discussão de suas principais tendências e determinações, ter-se-ia uma primeira aproximação da realidade agropecuária do município em questão. Desta forma, cada subequipe de viagem iria a campo com as informações secundárias organizadas num documento de trabalho.

b) Realização da viagem a campo.

Todos os municípios que têm alguma expressão agrícola foram visitados nesta viagem: Afonso Cláudio, Alfredo Chaves, Anchieta, Cariacica, Domingos Martins, Fundão, Guarapari, Ibirapu, Piúma, Santa Leopoldina, Santa Teresa, Serra e Viana.

A principal razão da viagem foi a coleta de dados junto às principais entidades atuantes em cada município (EMATER, sindicatos, cooperativas, associações de produtores, MEPES, Igreja, etc.) e entrevista a produtores locais mais representativos de sua categoria: pequenos proprietários, parceiros, em alguns casos assalariados permanentes e assalariados temporários, além dos volantes.

Cabe ressaltar neste item a fundamentalidade do contato com os técnicos da EMATER local, tendo em vista sua larga experiência junto aos produtores. Deveu-se a eles, outrossim, o mapeamento das principais culturas que se desenvolvem no município¹. Além disso, as informações básicas sobre o município, no que diz respeito à sua realidade agropecuária.

Para a realização do PDRI da Região-Programa I de Vitória, foi introduzida uma série de contatos com produtores locais representativos², objetivando um aprofundamento ainda maior do conhecimento do real, apreendido através das instituições contatadas, na medida em que o discurso do produtor expressa de forma mais efetiva a complexidade de sua realidade vivida no dia-a-dia.

Depois dos dados (primários e secundários) coletados e trabalhados, de finindo-se a estrutura do relatório, partiu-se para sua redação.

¹Este mapeamento constitui-se a base espacial para a definição das várias formas de produção agropecuária do município. O critério de importância das culturas foi definido com base na *maior ou menor renda gerada* para um determinado grupo de produtores locais.

²Este passo metodológico não foi realizado, quando da elaboração dos relatórios regionais anteriores.

Há que se destacar a terminologia utilizada ao longo do texto, sendo que alguns conceitos são fundamentais para sua compreensão, especialmente:

- *Setor de Produção*: caracteriza-se pelo espaço geo-econômico (inicialmente mapeado pelo técnico da EMATER), no qual desenvolve-se uma ou mais culturas principais, secundárias, embrionárias, etc. Tais culturas e/ou atividades podem estar combinadas ou em processo de exclusão (ex. de culturas combinadas: café, milho, feijão; de exclusão: cana, cereais).
- *Bolsões*: no interior dos setores de produção pode surgir uma cultura e/ou atividade, contrastante com a hegemônica, que tenha expressividade naquela área específica. Neste caso, esta determinação espacial é denominada bolsão.
- *Setores Censitários*: constituem-se a unidade espacial de mensuração e coleta de dados da FIBGE; isto é, o espaço do território municipal possível de ser percorrido por um recenseador, definido por um número limite de unidades de coleta. A importância dos setores censitários está em que, a partir dos dados tomados das Folhas de Coleta da FIBGE, depois de processados, foram organizados³ obedecendo àquela unidade. Desta forma, para os principais estudos do espaço considerado, o setor censitário é um importante referencial de observação, a partir do qual se inferirá ou se levantarão hipóteses acerca da realidade.

Do ponto de vista da estrutura e conteúdo dos *Relatórios*, pensou-se numa primeira apresentação ("Estrutura da produção agropecuária do município") do município ao leitor, considerando suas principais atividades agropecuárias, bem como a evolução das principais referências de análise: estrutura fundiária, relações de trabalho e tecnologia utilizada na produção. No caso de o fenômeno demográfico ter especial significação, é tra

³Estrutura fundiária por área e número de estabelecimentos; área de lavouras permanentes; área de lavouras temporárias; população ocupada por estrato; número de tratores; população bovina, suína e de aves.

tado neste momento do texto.

Depois de o município haver sido caracterizado em suas constituições mais gerais, passa-se a trabalhar os setores de produção. Neste momento, suas determinações mais gerais ganham força e concretude nos movimentos específicos, internos ao município. Trata-se de um trabalho que pretende ser de caráter analítico, em que se procurará garantir: a) as especificidades das culturas e/ou atividades no interior de cada setor de produção e b) suas articulações inter-setores; c) uma análise do processo produtivo assentado nas referências básicas: estrutura fundiária, relações de trabalho e tecnologia utilizada na produção (entendendo-se as especificidades de cada setor, tenta-se a compreensão global do município).

Depois de se esgotar razoavelmente a reflexão sobre o processo produtivo, passa-se ao entendimento do processo de realização da produção.

Na esfera da comercialização dos produtos agropecuários, procurar-se-á descrever as características de cada produto ou grupo de produtos, destacando-se: a cadeia de intermediação; principais firmas ou agentes de comercialização; principais formas de subordinação da produção; idem para formas de controle do mercado (mono-oligopólio/oligopsonio), entre outros.

É importante assinalar que o redator, ao escrever o item "Comercialização", não está preocupado com análises teóricas, mas tão-somente com a descrição da realidade observada e apreendida.

Fechando o texto, as "Conclusões" têm o objetivo de captar as principais determinações existentes no município, do ponto de vista do processo produtivo e da realização da produção agropecuária, enfatizando os pontos de estrangulamento específicos daquela realidade sócio-econômica. Caso seja possível, tentar-se-á esboçar algumas tendências gerais.

2.

CONDIÇÕES NATURAIS

2.1. SITUAÇÃO GEOGRÁFICA

O município de Santa Leopoldina localiza-se na região central do Estado, integrando o conjunto de municípios que formam a Região-Programa I de Vitória. É constituído de cinco distritos administrativos—Santa Leopoldina (sede), Djalma Coutinho, Garrafão, Jetibá e Mangaraí—, com uma superfície total de 138.700ha, representando 14,51% da área regional e 3% da área total do Estado.

Apresenta como limites: ao norte, os municípios de Santa Teresa e Itarana; ao sul, o município de Domingos Martins; e a oeste, os municípios de Afonso Cláudio e Itarana e a leste, os municípios de Cariacica, Serra e Fundão.

2.2. RELEVO

O município está inserido na *zona serrana*, formado por terrenos originários do pré-cambriano, apresentando uma topografia muito acidentada e com grandes variações na sua altitude. Esta variação é observada na medida em que se caminha de leste para oeste, no território municipal.

No sentido longitudinal, encontra-se no extremo leste as cotas de 100 e 200m, aumentando na área central para cota dos 400m e atingindo a cota acima dos 1.000m, na medida em que se caminha para o extremo oeste, junto às divisas com os municípios de Afonso Cláudio e Domingos Martins.

A declividade do terreno apresenta-se bastante acentuada, em que cerca de 84.801 ha (61,14%) da área municipal se encontra acima de 30%, ficando o restante —53.899 ha (39,86%)— com declividade abaixo de 30%.

A forma apresentada pelo relevo do município dificulta em grande parte a utilização de tecnologia mecanizada nas áreas agrícolas, bem como o escoamento da produção, devido à declividade do terreno aliada à má qualidade de conservação das estradas, agravando-se principalmente nas épocas de chuvas intensas.

2.3. SOLOS

Na área municipal predomina o *latossolo vermelho amarelo distrófico*, com relevo montanhoso e forte ondulado, sendo originalmente de boa fertilidade e aproveitável para as culturas climaticamente adaptáveis.

Observa-se ainda—em uma faixa ao sul, junto à divisa com Domingos Martins, no extremo oeste junto à divisa com Afonso Cláudio e ao norte junto à divisa com Santa Teresa— a presença de solos do grupo *cambisol*, que são solos pouco profundos e de formação argilosa em terreno montanhoso e ondulado, apresentando alguma limitação para culturas permanentes, sendo melhor adaptado para culturas temporárias.

2.4. CLIMA

O clima do município apresenta pequenas variações no seu tipo. Na medida em que se avança no sentido leste-oeste, observa-se a mudança de clima tipicamente tropical (A) para clima do tipo mesotérmico (C).

No extremo leste do município o clima é do tipo tropical Aw de verão quente e seco, com uma precipitação média de 1.500mm anuais e temperaturas médias anuais entre 20° e 22°C.

Na sede municipal e nas áreas próximas, observa-se clima tropical Am quente, com uma precipitação de 1.500mm—chegando a 1.750mm no lado oeste—e com temperaturas médias de 20° e 22°C.

É na parte central do município que o clima deixa de ser tipicamente tropical, passando a clima mesotérmico. Encontra-se então o clima mesotérmico C_{fa} de verão quente chuvoso, com uma precipitação média de 1.750mm e temperaturas médias variando entre 18° e 20°C.

Na sua maior porção - noroeste e extremo oeste -, o município apresenta clima mesotérmico C_{wa} de verão quente e chuvoso e inverno seco, contando com uma precipitação média de 1.500mm anuais e temperaturas médias variando de 18° a 20°C.

2.5. HIDROGRAFIA

A rede hidrográfica do município apresenta-se de forma bastante extensa, formada pela bacia do rio Santa Maria da Vitória. Esse rio nasce na serra do Garrafão em uma altitude aproximada de 1.000 metros, cortando toda a extensão do território municipal no sentido oeste-leste, e desaguando no canal da baía de Vitória como um de seus principais formadores. Teve papel importante no transporte de mercadorias, sendo totalmente navegável por pequenas embarcações no trecho compreendido entre a sede municipal e a cidade de Vitória. Acima da sede apresenta várias quedas d'água no seu desnível, com ótimas condições para instalação de usinas hidroelétricas, sendo ali implantadas as usinas geradoras de rio Bonito e Suíça, ajudando no abastecimento de energia elétrica a toda Grande Vitória. Possui inúmeros afluentes, podendo-se destacar aqui seus afluentes principais. Pela sua margem esquerda: rio Posmoso, rio Bonito, ribeirão das Taquaras, rio Timbuí Seco, rio da Prata, rio Caioba e rio Tangui. Na sua margem direita: rio do Triunfo, rio das Pedras, rio Jequetibá, rio das Farinhas, rio da Fumaça e rio São Miguel.

Essa rede hidrográfica apresenta em vários pontos quedas e volumes d'água consideráveis, tornando possível a elaboração de estudo mais detalhado com relação ao aproveitamento desses recursos naturais, para instalação de micro e pequenas usinas geradoras de energia elétrica e ainda para implantação de projetos de irrigação, junto às propriedades agrícolas.

3. ESTRUTURA DA PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA DO MUNICÍPIO

3.1. PRINCIPAIS ATIVIDADES AGROPECUÁRIAS

Considerando as informações do Censo Agropecuário de 80, Santa Leopoldina não difere do conjunto da Região-Programa I, nem do restante do Estado, no que se refere à superioridade do valor gerado pela produção vegetal em relação à animal (veja Tabela 1). E dentre a produção vegetal, da mesma forma em relação à maioria dos outros municípios do Estado, as lavouras permanentes geram o maior valor da produção e são também mais importantes na reprodução dos estabelecimentos, se comparadas às lavouras temporárias.

Começa a haver diferenças que constituem características específicas do município, o fato de que, apesar do maior valor gerado pelas lavouras permanentes, as temporárias não se distanciam deste valor. Basta ver que, de acordo com a Tabela 2, as lavouras temporárias de Santa Leopoldina representam 71% do valor gerado das lavouras permanentes. Esta mesma relação para a Região I é de 41% e para o Estado 30%. Isto são indicações do quanto são importantes as lavouras temporárias, chegando até mesmo a concorrerem com as demais culturas permanentes, principalmente onde os condicionantes naturais e a situação financeira dos produtores não permitem a sua expansão. Há áreas onde, fundamentalmente, só se cultivam as lavouras temporárias e chegam até ser mais representativas em termos de ocupação das áreas agrícolas, do que as lavouras permanentes no ano de 80. Observe a Tabela 4. E dentre as lavouras temporárias, os produtos olerícolas são muito importantes no município, constituindo este um expressivo centro produtor do abastecimento da Grande Vitória. Cerca de 31% dos hortifrutigranjeiros¹ comercializados na

¹São considerados os mais importantes hortigranjeiros do município: o tomate, alho, chuchu, cenoura, pimentão, pepino e ovos (Santa Leopoldina é o maior produtor do Estado), dentre outros.

CEASA de Vitória provêm de Santa Leopoldina, ou seja, é o município número 1 do abastecimento no Estado.

A cafeicultura, no entanto, é a principal atividade, tanto em geração de renda e certamente de emprego, assim como ocupa a maior área cultivada dentre as lavouras. Em segundo lugar, encontra-se o feijão, gerando um valor da produção cerca de 3 vezes menor. Em terceiro lugar, a banana prata tem o destaque no município, seguida pela mandioca (confira a Tabela 5).

O café e a banana são produções praticamente localizadas. Esta última ocupa a porção leste do município, as terras de menores altitudes, dando continuidade à área de banana de Domingos Martins e Cariacica. O café situa-se no território central do município, onde os terrenos têm altitudes acima e abaixo de 800 metros. Nas áreas mais baixas de banana, o café é uma cultura ainda emergente. E o feijão, por outro lado, praticamente situa-se em todo o município. A cultura do alho em torno de 400 hectares em 1982¹ também apresenta-se localizada, respondendo, juntamente com outras olerícolas, pela sobrevivência dos produtores das terras altas de Garrafão e Alto Santa Maria.

Não há pecuária como se poderia imaginar para subsistência familiar. Tal como se constatou *in loco*, nas comunidades de Holandinha, Plantojo e Garrafão, não existe leite nem para os recém-nascidos. A situação se explica, admite-se, porque o município é muito acidentado e as propriedades são pequenas, restando assim pouca área para o cultivo de lavouras e muito menos para as pastagens.

A pecuária é atividade daqueles que possuem as maiores áreas de terra, estando situada, com significação, em algumas propriedades na divisa de Santa Leopoldina com o município da Serra.

É curioso ainda o fato de que em 1980 os animais de grande porte, pecuária

¹ Levantamento efetuado pela EMATER local.

ria fundamentalmente, gerem menor valor da produção do que os animais de médio porte, (suínos, etc.), o que caracteriza uma particularidade de Santa Leopoldina em relação à Região-Programa I e ao Estado, onde a situação é invertida. Portanto, em termos globais, a pecuária é pouco importante no município. Avicultura e pequenos animais, contudo, respondem pela maior renda gerada na produção animal, tanto do município quanto da Região I, ficando esta como a principal produtora do Estado. (veja a Tabela 3).

A produção de ovos se destaca no valor gerado da produção animal. Existiam em 1980 (Tabela 6) por volta de 990.000 aves no município, das quais a grande maioria em atividade de postura. O valor gerado por ovos em 1980 igualou-se ao do café, aproximadamente Cr\$ 220.000.000¹. Entretanto, atribui-se menor significação à avicultura em relação ao café, apesar de ter respondido em 80 por 34% da produção estadual de ovos, em função, principalmente, do número de pessoal envolvido na atividade e da área que ocupa.

Mesmo em 1960, segundo as informações que se tem sobre a área colhida dos principais produtos agrícolas, o café certamente já respondia pelo maior valor gerado das lavouras: o café é geralmente consorciado com as lavouras brancas — milho e feijão. Mandioca, plantava-se muito no município, assim como a banana tinha expressão. As pastagens chegaram a ocupar mais terras do que as lavouras e ainda havia expressivas áreas em descanso e terras produtivas não utilizadas, consideradas na Tabela 4, com a denominação "outros".

Ocorre que durante essa década de 60, houve uma drástica diminuição das lavouras, em torno de 7 mil hectares, das quais 5 mil de lavouras permanentes. Em função disso, liberou-se muita terra no município, fazendo até aumentar a área considerada como pastagens, sem, no entanto, elevar

¹Censo Agropecuário de 1980.

o efetivo bovino. Confira a Tabela 6.

Tal fato redundou que o café perdeu importância em renda gerada no município, pois foi o produto que mais se erradicou. De 6 mil hectares de área colhida em 1960, passou a 1500 hectares em 70. A erradicação do café arrastou a diminuição das lavouras brancas, aquelas intercaladas entre suas árvores. No entanto, a perda foi menor destas lavouras porque o produtor precisou delas para sobreviver, vindo a expandir seu cultivo solteiro, como admitem os produtores mais antigos daquele município.

Nesse sentido, não são o milho e feijão, mas principalmente a mandioca aumentaram o seu peso relativo entre as lavouras, vindo esta última a responder em 70 pelo maior valor da produção do município, superando até mesmo a pecuária que não sofreu os efeitos da redução em termos absolutos do seu efetivo.

Avicultura também acabou sendo uma alternativa econômica para o produtor. O crédito fácil viabilizou sua implantação comercial, em torno da cooperativa criada na época. Contudo, jamais esta alternativa teve o alcance de solucionar os problemas dos produtores envolvidos na crise do café.

Na década seguinte, o quadro novamente se modifica, voltando parcialmente ao que era antes. O cultivo do café, principalmente depois de 75, é realimentado e juntamente com ele crescem as lavouras brancas. A banana também desponta dobrando a quantidade da sua área colhida e, paralelamente, cresce a produção olerícola em função da consolidação do mercado consumidor da Grande Vitória. Destaque aí para a produção de tomate e do alho, esta última encontrando seu período de pico de 78 a 81.

Deste modo, o café volta, tanto a ocupar a maior área agrícola dentre as lavouras, quanto a representar o maior valor da produção agropecuária de Santa Leopoldina. E juntamente com o café, cresce o cultivo das lavouras brancas.

A produção de aves e de suínos também aumenta, elevando sua importância no município. Enquanto a pecuária, da mesma forma que na década anterior, mantém inalterada seu efetivo bovino, ao ponto, como se observou anteriormente, do valor da produção dos animais de médio porte, superar aquele dos animais de grande porte—essencialmente da pecuária. Visto isso por razão dos estímulos à suinocultura, criados na década, que chegou a colocar o município no rol daqueles onde as atividades eram das mais tecnificadas encontradas no Estado. Posteriormente a 1980, em período mais recente, a suinocultura retraiu em Santa Leopoldina.

Perdem as pastagens área para as lavouras, assim como as terras livres liberadas na década anterior. Verifica-se, portanto, a superioridade das lavouras.

TABELA 1

VALOR DA PRODUÇÃO ANIMAL E VEGETAL EM 1970 E 1980 - SANTA LEOPOLDINA

(EM VALORES CORRENTES DE 1980) - BASE 80 = 100

(Em Cr\$ 1.000,00)

| | SANTA LEOPOLDINA | | REGIÃO VITÓRIA | | ESPÍRITO SANTO | |
|---------|------------------|---------|----------------|-----------|----------------|------------|
| | 1970 | 1980 | 1970 | 1980 | 1970 | 1980 |
| Animal | 119.473 | 414.527 | 996.519 | 2.250.600 | 4.352.015 | 10.269.390 |
| Vegetal | 192.679 | 584.705 | 1.678.429 | 3.930.101 | 9.150.042 | 19.147.542 |

Fonte: FIBGE - Censos Agropecuários de 70 e 80.

TABELA 2

VALOR DA PRODUÇÃO VEGETAL EM 1970 E 1980 - SANTA LEOPOLDINA

(Em Cr\$ 1.000,00)

| | SANTA LEOPOLDINA | | REGIÃO VITÓRIA | | ESPÍRITO SANTO | |
|----------------------------------|------------------|---------|----------------|-----------|----------------|------------|
| | 1970 | 1980 | 1970 | 1980 | 1970 | 1980 |
| Lavouras Permanentes | 71.015 | 291.179 | 804.491 | 2.594.199 | 5.418.039 | 13.727.191 |
| Lavouras Temporárias | 119.118 | 207.971 | 837.971 | 1.074.669 | 3.070.814 | 4.231.295 |
| Horticultura e flori- cultura | - | 60.445 | - | 161.987 | - | 202.014 |
| Silvicultura | 118 | 36 | 2.723 | 33.512 | 8.081 | 587.384 |
| Extração vegetal | 2.427 | 25.073 | 33.243 | 65.715 | 653.107 | 399.656 |

Fonte: FIBGE - Censos Agropecuários de 70 e 80.

TABELA 3

VALOR DA PRODUÇÃO ANIMAL EM 1970 E 1980 - SANTA LEOPOLDINA

(Em Cr\$ 1.000,00)

| | SANTA LEOPOLDINA | | REGIÃO VITÓRIA | | ESPÍRITO SANTO | |
|-------------------------|------------------|---------|----------------|-----------|----------------|-----------|
| | 1970 | 1980 | 1970 | 1980 | 1970 | 1980 |
| De grande porte | 27.826 | 36.917 | 354.246 | 796.391 | 2.976.147 | 7.781.667 |
| De médio porte | 24.066 | 54.926 | 143.451 | 200.234 | 572.856 | 725.129 |
| Aves e pequenos animais | 67.581 | 322.684 | 498.822 | 1.253.964 | 803.011 | 1.762.593 |

Fonte: FIBGE - Censos Agropecuários de 70 e 80.

TABELA 4
USO DO SOLO

| MUNICÍPIO ANO | LAVOURA PERMANENTE | | LAVOURA TEMPORÁRIA | | MATAS E FLORESTAS | | | | PASTAGENS | | OUTRAS | | TOTAL | |
|------------------|--------------------|-------|--------------------|-------|-------------------|------|-----------|-----|-----------|------|-----------|------|-----------|-------|
| | ÁREA (ha) | % | ÁREA (ha) | % | NATURAIS | | PLANTADAS | | ÁREA (ha) | % | ÁREA (ha) | % | ÁREA (ha) | % |
| STA. LEOPOLDINA | ÁREA (ha) | % | ÁREA (ha) | % | ÁREA (ha) | % | ÁREA (ha) | % | ÁREA (ha) | % | ÁREA (ha) | % | ÁREA (ha) | % |
| 1960 | 8.539 | 8,4 | 11.194 | 10,28 | 23.790 | 21,8 | 421 | 0,3 | 25.071 | 23,0 | 39.862 | 36,6 | 108.877 | 100,0 |
| 1970 | 3.583 | 3,2 | 9.118 | 8,3 | 17.161 | 15,7 | 463 | 0,4 | 27.106 | 24,8 | 50.982 | 46,7 | 108.938 | 100,0 |
| 1980 | 13.038 | 12,15 | 14.410 | 13,4 | 16.222 | 15,1 | 594 | 0,5 | 23.603 | 22,0 | 39.399 | 36,7 | 107.266 | 100,0 |

Fonte: Censos Agropecuários, 1960, 1970 e 1980.

TABELA 5

VALOR DA PRODUÇÃO VEGETAL* E ÁREA COLHIDA DOS PRINCIPAIS PRODUTOS NO MUNICÍPIO DE SANTA LEOPOLDINA EM 60/70/80

| PRODUTOS | SANTA LEOPOLDINA | | | | | | REGIÃO VITÓRIA | | | | | | ESPIRITO SANTO | | | | | |
|----------------|-------------------|--------|---------|--------------|-------|-------|-------------------|---------|-----------|--------------|--------|--------|-------------------|---------|------------|--------------|---------|---------|
| | VALOR DA PRODUÇÃO | | | ÁREA COLHIDA | | | VALOR DA PRODUÇÃO | | | ÁREA COLHIDA | | | VALOR DA PRODUÇÃO | | | ÁREA COLHIDA | | |
| | 60 | 70 | 80 | 60 | 70 | 80 | 60 | 70 | 80 | 60 | 70 | 80 | 60 | 70 | 80 | 60 | 70 | 80 |
| Arroz em casca | - | 1.362 | 1.297 | 121 | 155 | 99 | - | 59.736 | 49.730 | 1.004 | 5.338 | 3.348 | - | 15.417 | 437.792 | 36.252 | 50.183 | 31.713 |
| Ananás | - | 33.953 | 65.320 | 775 | 428 | 1.303 | - | 278.554 | 551.745 | 3.150 | 11.536 | 11.396 | - | 16.102 | 912.499 | 25.129 | 26.536 | 18.972 |
| Café em casca | - | 5.132 | 217.205 | 6.010 | 1.493 | 5.650 | - | 439.294 | 1.084.772 | 19.425 | 23.339 | 45.127 | - | 150.425 | 11.474.529 | 328.255 | 190.596 | 275.496 |
| Uva-de-açúcar | - | 2.072 | 994 | 128 | 58 | 34 | - | 29.365 | 26.274 | 1.478 | 2.861 | 1.603 | - | 9.211 | 543.945 | 19.147 | 20.797 | 18.475 |
| Ferijão | - | 25.754 | 69.927 | 2.324 | 1.713 | 3.169 | - | 173.557 | 358.302 | 3.101 | 18.187 | 18.477 | - | 17.184 | 1.053.348 | 49.153 | 60.930 | 12.574 |
| Laranja | - | 9.236 | 5.508 | - | 279 | 334 | - | 43.844 | 42.527 | - | 1.443 | 1.664 | - | 4.095 | 128.108 | - | 2.909 | 2.900 |
| Mandioca | - | 35.378 | 27.932 | 1.392 | 1.743 | 1.333 | - | 143.393 | 109.366 | 3.738 | 8.879 | 4.072 | - | 17.154 | 626.573 | 24.768 | 31.810 | 17.123 |
| Alho | - | 16.577 | 24.354 | 5.045 | 1.629 | 4.228 | - | 225.892 | 262.003 | 7.599 | 12.378 | 29.905 | - | 31.369 | 1.009.151 | 152.736 | 184.981 | 133.998 |
| Tomate | - | 11.752 | 20.059 | - | - | 219 | - | 40.022 | 134.219 | - | - | 1.158 | - | 2.635 | 209.836 | - | - | 1.900 |

*em valores de 60 (Cr\$ 1.000,00).

Fonte: FIBGE, Censo Agrícola de 60 e Censos Agropecuários de 70 e 80.

TABELA 6
SANTA LEOPOLDINA
EFETIVO DE SUÍNOS, AVES E BOVINOS

| MUNICÍPIO | ANO | SUÍNOS | AVES | BOVINOS |
|------------------|------|--------|---------|---------|
| Santa Leopoldina | 1960 | 24.871 | 135.367 | 15.053 |
| | 1970 | 21.158 | 244.662 | 15.503 |
| | 1980 | 29.248 | 991.716 | 15.093 |

FONTE: IBGE, Censos Agropecuários 60, 70 e 80.

3.2. ESTRUTURA FUNDIÁRIA

O tratamento aqui efetuado, a respeito da estrutura da posse da terra, teve como referência as informações colhidas dos Censos Agropecuários de 60, 70 e 80. Confeccionou-se uma tabela, onde foram reunidos os dados de número e área dos estabelecimentos agrícolas segundo uma respectiva estratificação.

Neste sentido, privilegiou-se a seguinte estratificação: 0-10, 10-50, 50-100 e + 100, correspondendo, respectivamente, aos micro, pequenos, médios e grandes estabelecimentos. A opção foi feita no propósito de captar, de maneira mais detida, as especificidades da composição da posse da terra no município, visto que tanto em número quanto em área, são mais expressivos e representam a dinâmica produtiva do município, aqueles estabelecimento compreendidos na estratificação entre 0 e 100 hectares de área. E por esse motivo resolveu-se não privilegiar uma estratificação que tratasse dos estabelecimentos entre 100-500 e + 500, etc.

Conforme observação da tabela que segue, Santa Leopoldina é o município

menos concentrado da Região-Programa I. 82% dos seus estabelecimentos agrícolas têm até 50 hectares e ocupam 49% do total da sua área. É um dado significativo, quando se compara a mesma relação para a média dos estabelecimentos do Estado — 63% para 19%. E também, em relação à Região-Programa I, percebe-se que Santa Leopoldina está significativamente abaixo da média regional, 76% para 36%.

Apesar do significado dos micro (0-10) e dos pequenos (10-50) estabelecimentos, os médios ainda ocupam mais área do que aqueles ditos grandes (+ 100). Os médios respondiam em 1980 por 28,5% da área dos estabelecimentos, enquanto os grandes por 22%. Nesse mesmo ano havia 103 estabelecimentos com mais de 100 hectares, para o total no município de 3.281. Destes 103, 97, ou seja, 94%, estão no estrato de 100 a 500 hectares. Portanto, são poucos os estabelecimentos com mais de 1000 hectares em Santa Leopoldina. O censo indica em 1980 o número de 2, ocupando 3% da área agrícola.

Em 1960 a estrutura fundiária não era tão pulverizada quanto se observa hoje. A maior porção da área total dos estabelecimentos estava ocupada por aqueles médios, — algo em torno de 42% — enquanto os micro e pequenos eram 64% do seu número e correspondiam a 36% da área agrícola.

Durante essa década de 60, houve um processo de desconcentração da posse da terra. Esse processo se deu internamente à fronteira agrícola, pois esta já havia sido totalmente ocupada em 1960. Cresceram neste período os micro e pequenos estabelecimentos em função do *retalhamento* dos médios e grandes, principalmente dos médios que perderam para aqueles menores por volta de 7000 hectares, enquanto os grandes tiveram *retalhados* 3000 hectares.

Trata-se de que ocorreu na década de 60 uma imensa redução da área cultivada no município. A erradicação dos cafezais, apesar de ocorrida com mais intensidade, trouxe consigo também a diminuição das lavouras brancas, principalmente as cultivadas em consórcio. Chegou-se à situação, com as transformações verificadas, que em 70 as lavouras temporárias ge

ravam tanto maior valor da produção, quanto ocupavam mais área do que as lavouras permanentes, mesmo tendo reduzido em termos absolutos sua área cultivada.

Admite-se então, como não houve expansão da pecuária concentrando a propriedade fundiária no município, que grande parte dos proprietários acabaram dividindo suas terras, onde dedicaram-se a garantir sua subsistência, em estabelecimentos menores, com o cultivo das lavouras temporárias.

A acidentalidade do relevo, limitador da mecanização, aspectos de ordem cultural, que fazem dos colonos de origem européia, muito vinculados à terra, assim como os seus hábitos, de poucas exigências para o consumo, impediram, juntamente com as maiores facilidades de grandes extensões de terra barata e mecanizável no norte do Estado, a formação da grande empresa no processo de produção, no município de Santa Leopoldina, nesse período. A outra situação que se admite ter ocorrido, foi a de membros de família numerosa terem adquirido as partes dos estabelecimentos divididos, devido ao empobrecimento de seus proprietários, provocado pela destruição da cafeicultura.

Durante a década de 70, continuou o processo de pulverização da terra, porém com características distintas da ocorrida nos anos 60. Teve continuidade o desaparecimento dos médios estabelecimentos, porém em função, tanto do seu *retalhamento* em favor dos micro e pequenos, quanto ocorreu o seu "engolimento" por aqueles grandes (+ 100), que cresceram em área e número na década.

Como no período verificou-se a expansão das lavouras, as olerícolas, por um lado, influenciando na consolidação da identidade do município, ligada ao abastecimento e, por outro lado, a cafeicultura, intervindo na retomada das lavouras brancas, supõe-se que tais fatos contribuíram para a expansão da micro e pequena empresa, enquanto o crescimento do grande estabelecimento esteve por conta, segundo se admite, também da expansão do café, retomada a partir da segunda metade da década de

70. Ou seja, o café tanto pode ter influenciado na pulverização, quanto na discreta concentração da propriedade da terra ocorrida no município.

Portanto, verificou-se que durante essas duas últimas décadas as transformações observadas na estrutura da posse da terra se deram, essencialmente, com desaparecimento em termos absolutos dos estabelecimentos médios, em favor muito mais daqueles micro, pequenos, do que propriamente dos grandes, caracterizando assim a estrutura fundiária de aspecto pouco concentrada existente hoje no município.

3.3. RELAÇÕES DE TRABALHO

De acordo com as informações censitárias da FIBGE de 1980, a relação de trabalho característica de Santa Leopoldina é aquela desenvolvida com base no trabalho familiar. Predomina, sendo responsável por 77% do pessoal ocupado na atividade agrícola (veja tabela 8). Não se trata, a relação de trabalho familiar, de uma prática localizada espacialmente. Ocorre expressivamente no município inteiro e em toda cultura.

Todos os membros da família, de um modo geral, trabalham, independente do sexo. As mulheres trabalham comumente pela manhã nos serviços da casa e à tarde na roça. As crianças, depois dos nove anos, dedicam-se também às tarefas agrícolas. Mesmo antes desta idade já acompanham os pais, e brincando vão conhecendo o seu futuro ofício.

De acordo com o número de membros da família, a terra é mais ou menos cultivada. Geralmente, em Santa Leopoldina não sobram muitas áreas produtivas nas propriedades. Seu tamanho é pequeno, o que dificulta até a formação de áreas em descanso. Daí a exaustão mais rápida do solo nessas propriedades.

A utilização mais intensa da terra, quando a família não é numerosa, requer o emprego de outro tipo de trabalho. Nas propriedades que têm mais de 5.000 covas de café, é comum a presença do parceiro, que constitui o complemento da força de trabalho da família proprietária. A sua participação no total do pessoal ocupado em 1980 foi de 9%.

O parceiro, contudo, não é encontrado somente na cafeicultura, apesar de que nessa atividade possa ser mais freqüente a sua presença. No cultivo de olerícolas, tanto de tomate quanto de alho, verifica-se que há parceiros nessas lavouras. Por ser uma relação de trabalho importante, principalmente onde não existe um mercado de trabalho constituído, é comum os parceiros terem uma atividade complementar àquela desenvolvida na cultura principal, o que constitui uma estratégia utilizada para reter essa força de trabalho. Geralmente quando têm café à meia, culti

vam por concessão do proprietário a lavoura branca, intercalada ao café ou não. Em outros casos, lhes é dada a casa para morar na propriedade. O parceiro também pode ser encontrado trabalhando na propriedade de como diarista nos períodos de folga. Esta situação, por outro lado, caracteriza-se por um artifício utilizado pelo proprietário para ter cativo o trabalho do diarista, pouco comum no município.

Quando, por sua vez, o proprietário é pessoa de limitados recursos, pois a terra que possui é de qualidade ruim, a unidade familiar para se reproduzir requer que membros da família busquem outras fontes de renda. Daí o fato de filhos de pequenos proprietários trabalharem durante períodos do ano como diaristas ou mesmo como parceiros para complementarem a renda da família. (O item "setores de produção", posteriormente, tratará das diferenças das relações de produção, procurando observá-las numa dimensão espacial e combinadas com as culturas, estrutura fundiária, etc.)

O significado preponderante da mão-de-obra familiar em relação à parceria e como se verá a seguir, também, em relação ao assalariamento, está em consonância com a forma de propriedade que tem destaque no município, qual seja, a micro e pequena. Conforme se observou no item precedente, 82% dos estabelecimentos possuem até 50 hectares e ocupam por volta de 50% da área agrícola do município. E nestes estabelecimentos encontram-se 73% do pessoal ocupado de Santa Leopoldina. Observe a tabela 9.

O assalariamento, de modo geral, em Santa Leopoldina, não se caracteriza como atividade das grandes propriedades. O assalariado permanente, em torno de 7% do pessoal ocupado, vincula-se, muito mais ao trabalho nas granjas, em grande número no município, e atualmente nos sítios de recreio¹, do que propriamente na atividade da pecuária,

¹Entende-se aqui como sítio de recreio aqueles estabelecimentos pertencentes a pessoal de fora do município (geralmente de Vitória) e que, mesmo desenvolvendo atividade agrícola, esta não constitui na principal fonte de renda dos seus proprietários.

característica dos grandes estabelecimentos.

Os poucos assalariados temporários existentes no município, 5% do pessoal ocupado em 1980, encontram-se naquelas propriedades que alcançaram maior nível de tecnificação, apesar do pequeno tamanho que possuem. Geralmente tem a ver a presença dessa força de trabalho com a proximidade das localidades que possuem bolsões de trabalhadores. Quando isso não ocorre, são aqueles casos, como já visto anteriormente, de proprietários ou membros de sua família que trabalham a dia na propriedade do vizinho. Na colheita do café e na olericultura são mais frequentes esses trabalhadores.

Quando se observa a série histórica das duas últimas décadas, percebe-se que não houve mudanças estruturais no município, no que concerne a seu pessoal. A mão-de-obra familiar manteve-se como base da principal relação de trabalho. O que ocorreram foram pequenas variações relativas da participação dos tipos de pessoal ocupado, mas que mesmo assim, denotam um período de estagnação na década de 60 e de expansão agrícola no período seguinte.

De 60 para 70, segundo a tabela 1, diminuiu em termos absolutos o contingente de pessoal ocupado no município de aproximadamente 1.000 pessoas. Houve decréscimos relativos para o assalariamento que diminuiu sua participação, enquanto cresceram os parceiros e a mão-de-obra familiar. O que se supõe que motivou essa mudança relativa ao conjunto do pessoal ocupado, foi o processo de erradicação que causou a destruição de inúmeras propriedades de café, provocando o *retalhamento* dos estabelecimentos com mais de 50 hectares.

Admite-se ainda, que com o aumento em números absolutos dos estabelecimentos no período e a redução do pessoal ocupado, os proprietários que ainda se mantinham em melhores condições financeiras, compraram pedaços de terra daqueles que erradicaram o café para membros de sua família. No lugar do café, passaram a dedicar-se, em trabalho familiar prioritariamente, às lavouras temporárias, o que se supõe explicaria o acréscimo relativo da mão-de-obra familiar no período. E o aumento do

número de parceiros, por outro lado, pode, em princípio, ser encarado como os proprietários que empobreceram e se transformaram em parceiros, depois da venda da terra.

Se o período anterior foi marcado pela redução das lavouras, o último caracterizou-se pelo incremento da atividade agrícola, que, favorecida pelo crédito, elevou os níveis de tecnificação e ao mesmo tempo apresentou tendências à ampliação das relações de trabalho em detrimento da mão-de-obra familiar assalariada e da parceria. Cresceu de 1% para 5% a importância relativa do assalariado temporário e a do permanente de 1% para 7%.

O aumento do assalariado temporário está relacionado ao ressurgimento do café a partir de 75 e a expansão da olericultura; esta, por motivo da formação do mercado urbano da Grande Vitória. Tanto numa quanto na outra cultura, esse trabalhador é muito empregado nas tarefas de colheita.

O assalariado permanente, conforme mencionou-se anteriormente, tem sua vinculação no trabalho das granjas e nos sítios de recreio. Há de se supor que, com o expressivo aumento do efetivo de aves ocorrido na década, tenha ampliado o número desse trabalhador.

Por fim, o incremento da parceria também se explica a partir da expansão da cafeicultura e da produção olerícola. Mas, é bom que se frise, apesar das variações ocorridas nas duas últimas décadas, não houve mudanças que provocassem alterações no predomínio e determinação da mão-de-obra familiar caracterizadora da relação de trabalho em Santa Leopoldina. Ocorreram, por sua vez, discretas tendências de aumento do assalariamento que poderão ser ampliadas, caso venha se verificar, futuramente, especializações na produção agrícola local.

Tabela 7
MUNICÍPIO DE SANTA LEONORINA - PESSOAS QUANTO POR CATEGORIA

| MUNICÍPIO | MÃO-DE-OBRA FAMILIAR | | | | | | PARCEIROS | | | | | | ASSALFIADOS PERMANENTES | | | | | | ASSALFIADOS TEMPORÁRIOS | | | | | | OUTROS | | | | | | TOTAL | | | | | |
|-----------------|----------------------|------|---------|------|---------|------|-----------|------|-------|------|--------|------|-------------------------|------|--------|------|--------|------|-------------------------|------|--------|------|--------|------|--------|------|-------|------|-------|------|---------|------|---------|------|---------|-------|
| | 1960 | | 1970 | | 1980 | | 1960 | | 1970 | | 1980 | | 1960 | | 1970 | | 1980 | | 1960 | | 1970 | | 1980 | | 1960 | | 1970 | | 1980 | | | | | | | |
| | ABS. | REL. | ABS. | REL. | ABS. | REL. | ABS. | REL. | ABS. | REL. | ABS. | REL. | ABS. | REL. | ABS. | REL. | ABS. | REL. | ABS. | REL. | ABS. | REL. | ABS. | REL. | ABS. | REL. | ABS. | REL. | ABS. | REL. | | | | | | |
| Santa Leonorina | 420 | 297 | 4.221 | 62 | 10.240 | 77 | 40 | 0,4 | 243 | 0 | 1.021 | 9 | 011 | 04 | 172 | 1 | 260 | 74 | 270 | 31 | 91 | 11 | 399 | 51 | 26 | 3,81 | 121 | 11 | 60 | 0,4 | 9.241 | 1001 | 8.263 | 1001 | 13.101 | 1.011 |
| TOTAL PA. 1980 | 42.071 | 371 | 81.024 | 77 | 42.200 | 651 | 9.551 | 71 | 9.111 | 142 | 12029 | 171 | 1.943 | 11 | 2.250 | 47 | 6.171 | 91 | 6.720 | 91 | 2.101 | 51 | 4.618 | 61 | 1.216 | 0 | 724 | 11 | 428 | 0,81 | 83.989 | 1001 | 66.718 | 1001 | 11.271 | 1011 |
| TOTAL PA. 1970 | 15849 | 147 | 140.191 | 51 | 177.021 | 574 | 65.701 | 74 | 68432 | 191 | 75.770 | 201 | 16.097 | 61 | 19.021 | 0 | 92.860 | 121 | 21.196 | 111 | 17.618 | 61 | 22.273 | 61 | 8.071 | 11 | 1.217 | 21 | 2.422 | 0,71 | 265.166 | 1001 | 212.011 | 1001 | 349.111 | 1001 |

Fonte: Departamento de Estatística - FIBGE - 1981, 1970, 1980.

TABELA 9

PESSOAL OCUPADO POR ESTRATO NOS ESTABELECIMENTOS RURAIS - 1980

| DISCRIMINAÇÃO | ESTRATOS (HECTARES) | | | | | | | | TOTAL |
|------------------|---------------------|-----------------------------------|--------------------|-----------------------------------|--------------------|-----------------------------------|--------------------|-----------------------------------|---------|
| | 0 - 10 | | 10 - 50 | | 50 - 100 | | + 100 | | |
| | PESSOAL OCUPADO | PARTICIPA ÇÃO RELA TIVA (%) | PESSOAL OCUPADO | PARTICIPA ÇÃO RELA TIVA (%) | PESSOAL OCUPADO | PARTICIPA ÇÃO RELA TIVA (%) | PESSOAL OCUPADO | PARTICIPA ÇÃO RELA TIVA (%) | |
| Santa Leopoldina | 2.426 | 17,3 | 7.745 | 55,3 | 2.031 | 14,5 | 1.050 | 7,5 | 14.006 |
| Região I | 9.188 | 12,7 | 36.758 | 50,7 | 13.356 | 18,4 | 12.409 | 17,1 | 72.467 |
| Estado | 35.589 | 10,2 | 145.835 | 41,7 | 66.445 | 19,0 | 101.641 | 29,1 | 349.510 |

Fonte: Censo Agropecuário de 1980.

3.4. CONDIÇÕES TÉCNICAS

Santa Leopoldina é considerado um município com elevada presença de inovações tecnológicas,¹ se observado em relação à Região I e ao Estado. Seu grau de mecanização em 1980 é considerável: um trator para cada 213 hectares. A média dessa mesma relação para o conjunto da Região I ficou em torno de 555 hectares. Trata-se da menor relação verificada entre os municípios da Região I. (Veja a tabela 10)

Considerando a proporção dos estabelecimentos no total do município que utilizam trator, o dado é de 12,4%, o que significa um percentual bastante superior à média do Estado e da Região I, cerca de 7% (tabela 11). E por outro lado, não é menor o uso de insumos, como fertilizantes e defensivos em 1980. Para os primeiros, alcançaram-se percentuais da ordem de 87,2% em termos dos estabelecimentos que fazem seu uso. E em relação aos segundos, ou seja, os defensivos, a proporção verificou-se menor: 78,7%.

O emprego de fertilizantes, como pode-se averiguar na tabela 12, está acima dos percentuais médios, tanto do Estado, 57%, quanto da Região I, 72%. Por outro lado, a utilização de defensivos encontra-se próxima daquelas médias, estadual e regional, em torno de 82%.

A situação de destaque do município quanto ao uso de fertilizantes não é um fato novo. Já desde 60, se se observa a tabela 12, constata-se isso. E ao longo dessas duas décadas passadas, foi intenso o crescimento do seu uso. De 60 para 70 existem duas suposições, com boas possibilidades de serem verdadeiras, que explicam o crescimento do consumo desse insumo no município.

¹Os parâmetros aqui utilizados para avaliar o nível tecnológico do município foram aqueles a que se teve acesso através dos censos agropecuários de 60, 70 e 80. Para tanto, trabalhou-se prioritariamente com as indicações a nível de estabelecimentos, a respeito do uso de máquinas agrícolas (tratores, arados), fertilizantes e defensivos.

A primeira, traduz-se no fato de que, com a pulverização da estrutura fundiária, elevando o número das propriedades e, conseqüentemente, das que utilizavam fertilizantes, tenha aumentado a participação dos estabelecimentos que empregavam fertilizantes no total dos estabelecimentos do município.

A outra suposição é complementar à anterior. Assim como houve aumento do número de estabelecimentos, também ocorreu uma inversão entre os tipos de cultura que davam a sustentação da propriedade. Reduziu-se o cultivo do café, enquanto aumentava-se relativamente a importância das lavouras temporárias, com destaque para a mandioca, milho e feijão. Estas duas últimas, com maior utilização de fertilizantes do que o café, que segundo moradores do local, antigamente, não era adubado.

Contudo, apesar do elevado grau de emprego de fertilizantes que Santa Leopoldina chegou a ter em 1970, em relação à Região I e ao Estado, não pode significar que a década de 60 tenha sido marcada por uma modernização efetiva na utilização de insumos agrícolas. Ocorreu de fato aumento na utilização de insumos agrícolas, mas não de insumos modernos (industrializados). Percebe-se que foi muito mais expressivo o uso de fertilizantes orgânicos do que químicos — uma solução viabilizada com a instalação de inúmeras granjas no município. Não se trata, por outro lado, essa alternativa, de uma prática restrita a Santa Leopoldina, mas ao geral da Região I que, por sua vez, difere substancialmente da prática ocorrida no resto do Estado.

A década de 70, contudo, é considerada o período de crescente emprego das inovações técnicas sugeridas no início dessa exposição. Se em 1970 apenas 9,3% dos estabelecimentos de Santa Leopoldina usavam fertilizantes químicos, em 1980 este percentual chega à 80%, ficando acima da média estadual e regional, enquanto aquele orgânico passa de 46% para 67,7% (percentual ainda bastante acima da média encontrada nos outros municípios da Região I), explicado em função da expansão avícola no município. Observe novamente a tabela 12.

No que se refere à mecanização, Santa Leopoldina ampliou o uso de trator durante a década de 70. Na década anterior, de 13 foi para 30 o número desses equipamentos, chegando em 1980 a 448 unidades (veja a tabela 13). Foram portanto registrados crescimentos às taxas de 153% e 1.257% na última década. No mesmo período, esse crescimento na Região I e no Estado foi da ordem de 264% e 371%, respectivamente (tabela 14).

Não são menos significativas as constatações manifestadas pela proporção dos estabelecimentos que utilizam tratores em Santa Leopoldina, que reafirmam a ênfase das alterações ocorridas nos anos 70, onde o percentual salta de 1% em 1970 para 12,4% em 1980. Supõe-se, portanto, que a ampliação no emprego das inovações técnicas tenha ocorrido como manifestações da política agrícola, que no período abriu linhas de crédito e difundiu a assistência técnica tendo como opção, para privilegiar aumentos de produtividade, a implementação de novas técnicas.

Fruto do rebatimento dessa política agrícola em Santa Leopoldina, pôde-se observar, não só o ressurgimento do café a partir de 75, empregando adubação química e defensivos, plantado em curva de nível, etc., como também a introdução e rápida expansão do cultivo de olerícolas, favorecida pela criação do mercado consumidor da Grande Vitória. Cabe admitir que foram as olerícolas e ainda as lavouras brancas, milho e feijão, as principais responsáveis pelo destaque do município em relação à Região I e ao Estado como empregador de fertilizantes. Haja vista que as lavouras temporárias em 1980 ocupavam maiores áreas do que as permanentes.

Apesar das olerícolas empregarem sistematicamente defensivos, não foi suficiente para que a participação média dos estabelecimentos que fazem seu uso superassem as médias do Estado e da Região I. Nesta Região isto se explica pela importância que tem a pecuária nos outros municípios e, quando não, o café exerce a supremacia entre as áreas de cultivo das lavouras. Tanto a pecuária quanto o café são por excelência notórios empregadores de defensivos.

Da mesma forma que a política agrícola foi responsável pela expansão do uso de fertilizantes, também favoreceu o emprego de máquinas agrícolas no município, estimuladas pela expansão da olericultura. E isto ocorreu, fundamentalmente, como se observou anteriormente, durante os anos 70. Não só o aumento de tratores, mas também de arados mecânicos expressam isso. Se em 1970 havia mais arado animal do que mecânico, em 80 a situação se inverte (observe a tabela 13).

É importante, por outro lado, que se frise as particularidades quanto à mecanização observada em Santa Leopoldina. Dos 448 tratores existentes em 80 no município, 380 são micro-tratores, ou seja, 84%, o que está intimamente ligado à topografia do município, demais acidentada, conforme se referiu no item "condições naturais", que facilita somente o desempenho de tratores desse tamanho. Além disso, o que se constatou, é que o micro-trator tem várias utilidades para o pequeno produtor de Santa Leopoldina. É utilizado para arar a terra, bater feijão, puxar água para irrigação de olerícolas, principalmente o alho (muito expressivo em Garrafão), debulha de milho, pulverização do café, transporte da produção e, em alguns casos, para puxar o arado animal, ainda expressivo no município.

Assim, pelos dados tomados, Santa Leopoldina apresentou-se perante a média da Região I e o Estado, como um município que incorporou em níveis elevados as novas técnicas difundidas nacionalmente a partir da década de 70. Mas é importante que se relacione a isso as culturas que expandiram no mesmo período. O destaque das lavouras temporárias, principalmente das olerícolas mais o café, respondem por isso. Por outro lado, se a técnica tal como se apresenta para o produtor vem causando expressivos benefícios pelo aumento da produtividade e melhora da qualidade do produto que proporciona desenvolver, a dependência às mesmas está causando prejuízos que não são menores. Este assunto será tratado ao longo do item "setores de produção", que vem a seguir.

TABELA 10

TRATORES E NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS POR TRATOR, SEGUNDO ESTRATO DE ÁREA, POR MUNICÍPIO
REGIÃO PROGRAMA I - ESPÍRITO SANTO - 1980

| MUNICÍPIOS | GRUPOS DE ÁREA | | | | | | | | TOTAL | |
|-------------------|----------------|-------------------|-----------|-------------------|------------|-------------------|----------|-------------------|-------------------|-----------------------|
| | 0 - 10ha | | 10 - 50ha | | 50 - 100ha | | + 100ha | | | |
| | TRATORES | ESTAB./ TRATOR | TRATORES | ESTAB./ TRATOR | TRATORES | ESTAB./ TRATOR | TRATORES | ESTAB./ TRATOR | ESTAB./ TRATOR | ÁREA TOTAL /TRATOR |
| Afonso Cláudio | 30 | 22,5 | 80 | 29,4 | 27 | 19,1 | 39 | 6,6 | 21,6 | 875,1 |
| Alfredo Chaves | 2 | 86,5 | 19 | 32,8 | 3 | 62,7 | 8 | 14,2 | 34,3 | 1580,5 |
| Anchieta | 0 | - | 11 | 23,4 | 10 | 8,0 | 44 | 1,7 | 8,4 | 518,0 |
| Cariacica | 0 | - | 3 | 50,7 | 1 | 32,0 | 6 | 2,7 | 40,6 | 1163,5 |
| Domingos Martins | 5 | 89,8 | 84 | 19,1 | 65 | 7,0 | 49 | 4,3 | 13,4 | 550,5 |
| Fundão | 0 | - | 1 | 196,0 | 1 | 49,0 | 18 | 2,1 | 19,6 | 1038,6 |
| Guarapari | 10 | 20,2 | 0 | - | 3 | 36,7 | 23 | 3,1 | 21,5 | 943,6 |
| Ibiraçu | 0 | - | 5 | 67,8 | 12 | 12,1 | 20 | 4,2 | 19,1 | 1093,7 |
| Piúma | 0 | - | 1 | 38,0 | 2 | 9,0 | 11 | 1,1 | 6,9 | 446,6 |
| Santa Leopoldina | 39 | 21,7 | 283 | 6,9 | 82 | 4,7 | 42 | 2,4 | 6,5 | 213,0 |
| Santa Tereza | 2 | 104,0 | 23 | 45,8 | 28 | 11,0 | 37 | 3,4 | 18,8 | 842,8 |
| Serra | 0 | - | 5 | 14,2 | 5 | 8,0 | 69 | 1,0 | 2,6 | 489,8 |
| Viana | 0 | - | 12 | 18,3 | 5 | 9,4 | 25 | 2,0 | 13,0 | 581,2 |
| Vila Velha | 1 | 37,0 | 6 | 5,5 | 3 | 3,7 | 23 | 1,3 | 3,3 | 434,8 |
| TOTAL DA REGIÃO I | 89 | 34,0 | 533 | 17,6 | 247 | 10,7 | 414 | 3,2 | 12,7 | 555,1 |

Fonte: Censo Agropecuário de 1980.

TABELA 11

PROPORÇÃO DOS ESTABELECIMENTOS AGROPECUÁRIOS QUE UTILIZAM TRATORES E ARADOS
REGIÃO PROGRAMA I - ESPÍRITO SANTO - 1970/80

| MUNICÍPIOS | 1960 | | | 1970 | | | 1975 | | | 1980 | | |
|-------------------|----------|--------|--------|----------|----------|--------|----------|----------|--------|----------|----------|--------|
| | TRATORES | ARADOS | | TRATORES | ARADOS | | TRATORES | ARADOS | | TRATORES | ARADOS | |
| | | MEC. | ANIMAL | | MECÂNICO | ANIMAL | | MECÂNICO | ANIMAL | | MECÂNICO | ANIMAL |
| Afonso Cláudio | 0,9 | 1,1 | 0,9 | 1,9 | 1,8 | 10,0 | 2,4 | 2,5 | 12,2 | 3,8 | 3,1 | 8,9 |
| Alfredo Chaves | 1,4 | 1,1 | 0,8 | 0,9 | 0,9 | 0,5 | 1,7 | 0,7 | 0,2 | 2,2 | 1,4 | 0,8 |
| Anchieta | 0,6 | 0,6 | 0,4 | 2,0 | 1,4 | 0,5 | 1,7 | 1,5 | 0,1 | 9,6 | 5,2 | 1,4 |
| Cariacica | 1,8 | 1,5 | 5,3 | 1,8 | 0,8 | 2,2 | 1,6 | 0,8 | 0,8 | 1,7 | 0,9 | 0,7 |
| Domingos Martins | 0,5 | 0,7 | 0,9 | 1,4 | 1,0 | 3,2 | 1,9 | 1,3 | 4,4 | 5,9 | 3,7 | 4,1 |
| Fundão | 0,6 | 2,0 | 0,1 | 0,9 | 0,9 | 1,9 | 1,3 | 0,5 | 0,7 | 2,3 | 2,0 | 0,7 |
| Guarapari | 0,3 | 0,5 | 0,1 | 0,9 | 0,9 | - | 1,6 | 1,2 | 0,5 | 3,0 | 2,7 | 1,2 |
| Ibiraçu | 1,1 | 1,0 | 6,7 | 0,6 | 0,6 | 10,5 | 0,9 | 0,8 | 9,9 | 5,8 | 4,3 | 10,0 |
| Piúma | - | - | - | 7,2 | 5,2 | 2,0 | 10,0 | 10,0 | 1,0 | 9,3 | 8,2 | 1,0 |
| Santa Leopoldina | 0,5 | 0,5 | 1,2 | 1,0 | 0,6 | 2,1 | 2,0 | 1,5 | 3,6 | 12,4 | 3,7 | 2,8 |
| Santa Tereza | 1,3 | 1,7 | 13,8 | 1,6 | 1,2 | 26,3 | 2,8 | 2,3 | 29,3 | 5,5 | 4,3 | 26,0 |
| Serra | 0,9 | 0,9 | 0,2 | 1,3 | 1,0 | 0,1 | 3,7 | 3,7 | - | 16,8 | 13,0 | 1,9 |
| Viana | 2,7 | 2,4 | 1,4 | 2,5 | 1,8 | 1,0 | 2,9 | 1,9 | 0,1 | 5,6 | 4,5 | 0,2 |
| TOTAL DA REGIÃO I | 0,9 | 1,0 | 2,6 | 1,6 | 0,7 | 7,0 | 2,2 | 1,8 | 7,7 | 6,5 | 3,7 | 6,7 |
| TOTAL DO ESTADO | 0,9 | 1,0 | 3,5 | 1,3 | 1,0 | 8,3 | 2,4 | 1,8 | 9,5 | 7,0 | 5,0 | 8,3 |

Fonte: Censos Agropecuários do Espírito Santo.

TABELA 13
 NÚMERO DE TRATORES E ARADOS (MECÂNICO E MANUAL) POR MUNICÍPIO
 REGIÃO-PROGRAMA I - ESPÍRITO SANTO - 1970/80

| MUNICÍPIOS | 1960 | | | 1970 | | | 1975 | | | 1980 | | | | |
|-----------------------------------|-------------------|---------------|---------------|-------------------|---------------|-----------------|-------------------|---------------|-----------------|-----------------|---------------|---------------|---------------|-----------------|
| | TRATORES TOTAL | ARADOS | | TRATORES TOTAL | ARADOS | | TRATORES TOTAL | ARADOS | | TRATORES | | | ARADOS | |
| | | MECÂNICO | ANIMAL | | MECÂNICO | ANIMAL | | MECÂNICO | ANIMAL | TOTAL | ATE 20CV | + 20CV | MECÂNICO | ANIMAL |
| Afonso Cláudio | 34 | 41 | 35 | 79 | 81 | 449 | 97 | 113 | 560 | 149 | 50 | 99 | 138 | 383 |
| Alfredo Chaves | 13 | 10 | 8 | 12 | 19 | 8 | 22 | 11 | 4 | 26 | 10 | 16 | 20 | 13 |
| Anchieta | 4 | 4 | 3 | 23 | 14 | 4 | 16 | 21 | 1 | 61 | 20 | 41 | 34 | 11 |
| Cariacica | 6 | 5 | 18 | 11 | 6 | 12 | 11 | 7 | 4 | 10 | 3 | 7 | 6 | 3 |
| Domingos Martins | 12 | 18 | 23 | 47 | 36 | 104 | 58 | 40 | 123 | 173 | 110 | 63 | 112 | 136 |
| Fundão | 4 | 14 | 1 | 13 | 14 | 15 | 7 | 4 | 5 | 17 | 1 | 16 | 14 | 3 |
| Guarapari | 3 | 5 | 1 | 16 | 17 | - | 31 | 19 | 6 | 35 | 7 | 28 | 56 | 12 |
| Ibiraçu | 11 | 10 | 68 | 8 | 8 | 115 | 10 | 9 | 87 | 46 | 14 | 32 | 34 | 70 |
| Piúma | - | - | - | 9 | 6 | 2 | 13 | 12 | 1 | 15 | 2 | 13 | 15 | 1 |
| Santa Leopoldina | 13 | 13 | 29 | 33 | 30 | 70 | 63 | 46 | 119 | 448 | 380 | 68 | 150 | 100 |
| Santa Tereza | 23 | 29 | 236 | 39 | 35 | 672 | 64 | 65 | 750 | 108 | 28 | 80 | 85 | 563 |
| Serra | 9 | 9 | 2 | 15 | 11 | 1 | 50 | 33 | - | 79 | 6 | 73 | 47 | 5 |
| Viana | 10 | 9 | 5 | 27 | 21 | 9 | 30 | 16 | 2 | 43 | 14 | 29 | 33 | 1 |
| TOTAL DA REGIÃO I % S/O ESTADO | 142 (28,0) | 167 (28,4) | 429 (22,5) | 332 (30,8) | 298 (33,4) | 1.461 (21,5) | 472 (24,6) | 396 (27,3) | 1.662 (24,1) | 1.210 (23,2) | 645 (44,5) | 565 (15,2) | 744 (19,0) | 1.301 (22,7) |
| TOTAL DO ESTADO | 508 | 587 | 1.905 | 1.131 | 931 | 6.790 | 1.940 | 1.475 | 6.886 | 5.334 | 1.473 | 3.861 | 4.000 | 5.774 |

Fonte: Censos Agropecuários do Espírito Santo.

TABELA 14

TAXA DE CRESCIMENTO DO NÚMERO DE TRATORES E ARADOS POR MUNICÍPIO NO PERÍODO 70/80
REGIÃO PROGRAMA I - ESPÍRITO SANTO

| MUNICÍPIOS | 60/70 | | | TRATORES | ARADOS | |
|-------------------|----------|----------|--------|----------|----------|--------|
| | TRATORES | ARADOS | | | MECÂNICO | ANIMAL |
| | | MECÂNICO | ANIMAL | | | |
| Afonso Cláudio | 132 | 97 | 1.182 | 88 | 70 | -14 |
| Alfredo Chaves | -8 | 90 | - | 116 | 5 | 62 |
| Anchieta | 475 | 250 | 33 | 165 | 142 | 175 |
| Cariacica | 83 | 20 | -33 | -9 | 0 | -75 |
| Domingos Martins | 291 | 100 | 352 | 268 | 211 | 31 |
| Fundão | 225 | - | 1.400 | 31 | 0 | -80 |
| Guarapari | 433 | 240 | - | 19 | 229 | - |
| Ibiraçu | -27 | -20 | 69 | 475 | 325 | -39 |
| Piúma | - | - | - | 67 | 150 | -50 |
| Santa Leopoldina | 153 | 130 | 141 | 1.257 | 400 | 43 |
| Santa Teresa | 69 | 20 | 184 | 177 | 143 | -16 |
| Serra | 66 | 22 | -50 | 426 | 327 | 400 |
| Viana | 170 | 133 | 80 | 59 | 57 | -89 |
| TOTAL DA REGIÃO I | 133 | 78 | 240 | 256 | 144 | -10 |
| TOTAL DO ESTADO | 122 | 58 | 256 | 371 | 329 | -15 |

Fonte: Censos Agropecuários do Espírito Santo.

4.

SETORES DE PRODUÇÃO

As considerações feitas até agora, tiveram o caráter geral de apresentar o município, e introduzir referências a respeito da existência de formas diversas de organização da produção. Utilizando-se do critério *cultura principal*, como sendo a mais importante fonte geradora de renda para o produtor numa área específica, foi possível a delimitação de 4 espaços diferentes que tiveram as seguintes culturas como principais: pecuária, banana, café - olericultura e alho. Estas culturas e seus espaços definiram o que se convencionou chamar *setores de produção*. No caso, Santa Leopoldina ficou dividida em 4 setores de produção. Setor 0 - pecuária, Setor 1 - banana, Setor 2 - café - olericultura e Setor 3 - alho. Tratar-se-á a seguir da organização da produção nos limites dos setores de produção definidos espacialmente.

O setor de produção pecuária situa-se no extremo leste do município, fazendo divisa com Cariacica, Serra e uma pequena parte de Fundão, conforme poderá ser observado no Mapa I. Encontra-se na área mais baixa do município, em cota inferior a 200 metros, onde o relevo é dos menos acidentados. A condição do terreno é ruim, classificado em termos de baixa fertilidade.

A principal atividade produtiva é a pecuária mista. A banana e o café apresentam-se como culturas secundárias. E esta última é uma cultura nova, com pouca expressão ainda.

A pecuária encontra-se em todos os tamanhos de estabelecimentos, porém possuiu maior expressão naqueles com mais de 100 hectares. E, geralmente, os estabelecimentos deste tamanho têm somente pecuária. A banana e o café são encontrados nos estabelecimentos menores. Tais culturas são vistas nas propriedades de até 50 hectares, quando então cultiva-se também o milho e feijão como atividades de subsistência.

Nos estabelecimentos menores, ou seja, nos micro (0-10ha) e pequenos (10-50ha), a banana é a cultura principal. Existe café. Sua expressão econômica é pequena, mas tende a vir a concorrer com a banana. A pecuária, também presente nestes estabelecimentos, tem o papel fundamentalmente de fornecimento de leite para unidade da família nuclear destes estabelecimentos, assim como o milho e o feijão respondem parcialmente pela sua reprodução.

Nos estabelecimentos maiores não há diversificação agrícola; a pecuária consiste comumente na única atividade. Em razão disso, emprega-se pouco pessoal, visto que a pecuária requer um mínimo de mão-de-obra. Nesses estabelecimentos com até 100 hectares, trabalham dois assalariados permanentes. Nos estabelecimentos com mais de 100 hectares, aumenta esse número e pelo menos durante uma vez por ano contrata-se diarista para limpeza de pasto e conserto de cerca.

Predomina para o conjunto do setor o grande estabelecimento (maior de 100 hectares), o que denota um caráter concentrado da sua estrutura fundiária. Trata-se do setor de produção mais concentrado do município.

Apesar do caráter concentrado da estrutura fundiária no setor e da renda monetária que a pecuária gera, não foram suficientes para que viabilizassem a difusão da técnica. Não há prática de confinamento e uso de outras inovações tecnológicas. Exceção se faz somente a um bolsão presente no setor, onde esta prática se verifica em uma propriedade; de resto, há emprego somente de defensivos em pequena escala.

Os estabelecimentos ditos grandes, na sua quase totalidade, estão enquadrados na estratificação de 100 a 500 hectares. E, geralmente, o efetivo bovino correspondente varia entre 100 e 150 cabeças.

A superioridade tanto em área ocupada quanto em renda gerada, garante à pecuária a dinâmica do setor. Hoje há alguma integração entre as grandes propriedades de pecuária e as micro e pequenas de banana. Parte do pessoal que trabalha como diarista na pecuária provém das pequenas uni

dades familiares produtoras de banana. Contudo, isto não é uma condição necessária para viabilizar a existência dos estabelecimentos pecuaristas. Caso desapareça a pequena propriedade, a renda oriunda na pecuária permite que se busque diarista em lugares mais distantes.

Há ligações explícitas entre a atividade pecuarista e formas que a subordinam ao processo de comercialização. Este processo é controlado por umas poucas cooperativas, que comandam as atividades de distribuição. O leite é entregue no posto (SPAM) mais próximo da região produtora. Estabelece-se o sistema cotas, arbitrado no período das secas. Quando se produz além, no período das águas, esse leite a mais é considerado excesso. Paga-se menor preço por ele. Contudo, este vínculo da produção leiteira às cooperativas não é um fato novo, nem uma prática exclusiva desse município; ocorre em toda região produtora de leite do Estado.

O Setor de Produção 1 - banana, compreende uma faixa que atravessa o município de norte a sul, na altura da sua sede. Esta faixa é mais estreita nas proximidades de Santa Teresa e se alarga quando faz limite com Domingos Martins e Cariacica (observe o Mapa I). Encontra-se situada aproximadamente na cota 400 acima do nível do mar, em área de muita encosta. O solo é ruim, com poucas manchas de fertilidade regular.

A estrutura da posse da terra nesse setor caracteriza-se pelo seu elevado grau de pulverização. Está compreendida, prioritariamente, por estabelecimentos com área entre 25 e 50ha. A colonização da região feita em pequena propriedade com a mão-de-obra familiar do imigrante europeu, assim como a acidentalidade do relevo, que não permite a existência contínua de grandes áreas planas, contribuíram para que fosse mantida ainda hoje uma estrutura fundiária pulverizada no setor.

No final dos anos 60, cultivava-se fundamentalmente mandioca e as lavouras brancas, milho e feijão. A construção da CEASA e consolidação do mercado urbano da Grande Vitória fizeram com que esse perfil produtivo fosse alterado. A banana começa então a ter destaque.

Trata-se de uma área pobre. Os produtores não dispõem de recursos suficientes para inversão em insumos. Por sua vez, a qualidade do solo não ajuda. A banana, neste setor, segundo informações locais¹, torna-se mais viável do que o café. Requer menos investimentos e não obriga o produtor a trabalhar com o banco². A banana também proporciona retorno mais rápido e renda em maior periodicidade.

Considerando o estabelecimento, a terra de melhor qualidade é escolhida para o cultivo da banana. É plantada da forma mais rudimentar possível. Não é feita desinfecção de muda, a não ser quando se constata doença. O número de adubações apresenta-se reduzido. Portanto, é mínimo o uso de insumos agrícolas modernos e, conseqüentemente, de investimentos.

Cultiva-se feijão nas terras baixas. Ocupa pequena área. Requer investimentos do produtor, principalmente com adubo; no entanto não onera muito, pois planta-se pouco. Já o milho é menos cultivado ainda. Nem todos os produtores plantam milho e aqueles que plantam, normalmente o fazem para o consumo próprio. A mandioca, por sua vez, destina-se a maiores áreas, possivelmente por não ser adubada, nem empregar defensivos e, portanto, não requerer investimentos, apesar da pequena renda monetária que hoje gera.

O café e o urucu são culturas emergentes no setor, que poucos plantam. Há tendências, contudo, de expansão do café naqueles estabelecimentos que geram maiores rendas e que os produtores têm condições de arcar com os investimentos do seu cultivo. Um fator, porém, tem sido alternativa para o cultivo do café. Trata-se do mal de SIGATOKA, uma doença que está destruindo bananais. O custo para tratamento dessa doença inviabiliza a continuidade do cultivo. Nesse sentido, não há opções: arranca-se o bananal e planta-se café no lugar.

¹Esta afirmação foi feita por produtores de Holandinha.

²O café, de acordo com os mesmos produtores de Holandinha, só produz com o uso de corretivo, muito adubo e defensivo. Isto faz com que os produtores tenham que recorrer a bancos. O medo de perderem a terra, colocada como garantia, faz com que não plantem café.

Por outro lado, *unindo as partes*, o que se percebe como característica do setor, é a limitação de recursos que detem o produtor, pois não consegue acumular; simplesmente reproduz-se no seu estabelecimento. E a pequena propriedade e a relação de trabalho familiar não são apenas os únicos condicionantes que determinam essa situação. Outros fatores contribuem para que isso permaneça — o vínculo estabelecido da produção com a agroindústria³ e a sua subordinação ao processo de comercialização.

Não se tratam, portanto, de vínculos específicos da produção desenvolvida somente no Setor 1. São vínculos geralmente observados em toda pequena produção. O que se pretende, porém, aqui, é recuperar as formas de como se manifestam esses vínculos e como a produção definida no espaço do Setor 1 se organiza frente a eles.

Em primeiro lugar, a relação entre a produção e a agroindústria é pequena. Como pôde ser observado anteriormente, os produtores quase não fazem uso dos insumos industriais. A limitação de recursos monetários não lhes possibilitam essas opções. Apesar disso, limitar a expansão de sua área produtiva e não lhe garantir ganhos de produtividade, permite, por outro lado, um grau de liberdade — o de não estar preso às oscilações de preço a que os insumos agrícolas estão sujeitos.

A banana principalmente e a mandioca, são as culturas que geram renda monetária para o produtor. Estão, portanto, sujeitas ao mercado. Tanto um produto quanto o outro, antes de chegar ao consumidor, sofre processos de intermediação.

No caso da banana, a sua colocação direta pelo produtor no mercado fica limitada, porque requer elevados investimentos. Em primeiro lugar, exigiria que todo produtor ou grupo de produtores tivesse transporte, o que na maioria das vezes não ocorre. Requereria também que os produtores

³Refere-se aqui somente às agroindústrias produtoras de insumos agrícolas, a saber, fundamentalmente, os adubos e defensivos.

possuissem lojas na CEASA, tanto de Vitória quanto do Rio de Janeiro, por onde a banana é escoada. E como se isso já não fosse suficiente, é necessário que se tenham câmaras de climatização para o amadurecimento uniforme das bananas. Tais limitações fazem com que existam empresas que executam a intermediação entre o produtor e o consumidor. São as seguintes as empresas que compram a banana do Setor 1: Banana Real, Estrela Dalva e Casas Sendas. Esta última é a que tem maior atuação.

Os elevados investimentos necessários para comercialização da banana, por sua vez, contribuem para que exista a subordinação da produção pelo comércio, que acaba capturando expressiva fatia da renda do produtor. Somente uma empresa ou grupo de empresas controlam a comercialização da banana e, por sua vez, ditam o seu preço—sempre abaixo daquele do mercado. O produtor, quase sempre desinformado dos preços e sem recursos, não tem outra opção senão se sujeitar aos ditames das empresas.

Há tendências, por outro lado, de aumentar a subordinação da produção de banana do Setor 1 ao processo de comercialização. Uma das firmas, no intuito de superar as suas concorrentes, vem pagando preços um pouco melhores e cadastrando os produtores. Deste modo, vai criando uma situação artificial, que está eliminando a concorrência entre as empresas, assim como está amarrando os produtores a ela. Isto porque, caso o produtor, por uma vez, venda a sua banana a outra empresa que não a ela, deixa de pertencer ao seu cadastro, não podendo mais vender seu produto à mesma. Existe, portanto, tendência de uma firma vir a controlar a produção de banana do Setor 1.

Processo igualmente semelhante ocorre com a cultura da mandioca. Nessa situação, a falta de renda que caberia ao produtor, fica com uns poucos comerciantes da região que compram ou trocam a farinha por gêneros de consumo. Os produtores dessa região costumam ir pouco a Vitória e são portanto desinformados de preços, e acabam entregando o produto ao comerciante mais próximo, pagando pouco pela farinha.

É importante, por fim, frisar então que são limitados os recursos monetári

rios que chegam aos produtores. Isso faz com que, para garantir a re produção do seu estabelecimento, precisem trabalhar muito mais que o ne cessário. Penalizam não só o lazer, como também chegam a prejudicar a saúde.

A diversificação agrícola encontrada nas propriedades decorre, portanto, da insuficiência de recursos para se comprar o necessário para o consu mo. Daí o porque de se plantar feijão e milho, de não se utilizar qua se nenhum insumo agrícola, de serem extremamente limitados os hábitos de consumo desses produtores.

A mandioca transformada em farinha, entregue no armazém próximo, confor me se assinalou, tem o papel de ajudar a abater as despesas feitas por caderneta no armazém. E a banana, por fim, é que garante as outras des pesas monetárias imprescindíveis à sobrevivência na propriedade, do pro dutor e de sua família, simplesmente.

O setor de produção 2 - café/olericultura, fica situado na porção cen tral de Santa Leopoldina, entre os setores 1 e 3. Limita-se ao norte com Santa Teresa e Itarana e ao sul com Domingos Martins. Observe o Mapa I.

É o maior setor do município. Suas terras estão em altitude que varia dos 400 a 800 metros acima do nível do mar. Em função dessa variação de altitude, o terreno apresenta-se bastante inclinado, dificultando seu aproveitamento agrícola e, quando esse aproveitamento é possível, exige mecanização de pequeno porte (micro-trator e arado animal). Isso, se por um lado são elementos limitadores, por outro trazem vantagens, pois permitiu que o relevo criasse quedas d'água nos cursos dos rios. E estas constituem num fator importante para o desenvolvimento das ati vidades olerícolas que exigem irrigação permanente.

O solo, de maneira geral, é regular, somente com poucas manchas de terra

boa, onde se cultivava sem uso de fertilizante. O cultivo intensivo nessas áreas desde os tempos remotos da colonização da região, desgastou o solo. E quanto menor a terra, o produtor precisa cultivá-la por inteiro, para dela poder tirar seu sustento. Daí o fato de não poder deixar a terra em descanso de tempos em tempos para que se recupere. O desgaste então é maior e assim praticamente só se planta nesse setor usando fertilizantes.

Desde os tempos da colonização da região, a difusão da pequena propriedade é até hoje perpetuada no município. E neste setor de que se fala, a pequena propriedade predominante encontra-se no estrato de área de 0 a 50 hectares. A grande propriedade é rara, sendo até muito poucas aquelas com área entre 100 e 500 hectares.

Nesse tipo de propriedade mais comum cultiva-se normalmente café, olericultura⁴, milho, feijão e citrus. Café e olerícolas são as principais culturas do estabelecimento. Por gerarem a maior renda para o produtor, condicionam os acontecimentos na propriedade, ou seja, só se planta outras culturas quando o trabalho nas principais está mais folgado. A renda monetária gerada na unidade produtiva, primeiramente é poupada para garantir a continuidade da reprodução das culturas principais, depois então tem outros usos.

O milho e o feijão são culturas secundárias em termos de geração de renda para o produtor em relação ao café e às olerícolas. Têm de fato papéis mais importantes na subsistência familiar, tanto do proprietário quanto do colono, quando ele existe. A renda que o feijão e o milho geram provém das sobras vendidas. E o cultivo dos citrus constitui muito mais uma carga cultural trazida pelos europeus, de terem um pomar, do que propriamente uma necessidade que têm os produtores de cultivarem para o mercado. No entanto, apesar de ser destinado ao consumo, os citrus

⁴As principais olerícolas cultivadas no setor 2 são: tomate, cenoura, beterraba, jiló, pimentão, batata doce e chuchu.

sempre geram renda para os seus proprietários.

A expansão do cultivo do café e da olericultura, ao ponto de chegar hoje a ser os principais produtos do setor, foi viabilizada em função das transformações recentes: ora da política agrícola, ora da criação de novos mercados. Os efeitos *modernizadores* que as políticas trouxeram, ocorreram através da expansão do crédito que, por sua vez, viabilizou o emprego de insumos e equipamentos modernos, possibilitando, deste modo, o cultivo em terras cansadas com razoável grau de produtividade. As olerícolas se expandiram, por outro lado, também favorecidas pela constituição, nessa última década, do mercado urbano da Grande Vitória.

Ocorreram outras manifestações provenientes da política agrícola no setor 2, tanto através da intensificação dos cultivos, quanto através das mudanças nas relações de produção. O setor 2 atualmente pode ser dividido em duas partes, se se atravessa uma linha no seu meio, no sentido norte-sul. O lado direito caracteriza-se pelo cultivo menos intensivo e o esquerdo pelo cultivo intensivo.

Na porção esquerda do setor há em média por propriedade de 3000 a 5000 covas de café e por volta de 1 hectare de olericultura. Nesse caso a relação de trabalho predominante é a mão-de-obra familiar que consegue cuidar da propriedade, pois o cultivo não é intenso.

Nas propriedades existentes do lado esquerdo do setor, devido à condição financeira um pouco melhor dos proprietários, a situação é diferente. Há em média de 5000 a 8000 mil covas de café, mais olericultura, onde se emprega técnicas mais apuradas do que na outra parte do setor. Essa situação acaba requerendo outras relações de trabalho, como no caso a parceria, que somada ao trabalho da família proprietária, consegue reproduzir o estabelecimento. E o parceiro, além de exercer suas atividades rotineiras da meação, também se personifica na figura do diarista, vez por outra. Completa sua renda com um salário, executando tarefas para o proprietário—colhendo café, geralmente. Estas relações foram, portanto, uma das possibilidades surgidas por razão da difusão da técnica, pois

elevou a produtividade da terra e possibilitou transformar áreas até então incultas em produtivas.

Cada cultura hoje presente no setor, exerce um papel em termos organizativos da produção, que permite a reprodução da unidade produtiva. O café funciona dando segurança ao produtor pela renda que gera e pela estabilidade que tem tido ultimamente no mercado em termos de preços. É o suporte monetário da propriedade.

Ocorre, porém, que em razão do café ter ciclo longo, há necessidade de outros rendimentos durante períodos mais curtos. As olerícolas⁵, nesse sentido, vão permitir esses rendimentos, apesar das oscilações de preços a que estão sujeitos.

As olerícolas são cultivadas também em função do ciclo do café. Como se sabe, quando o café produz bem num ano, no seguinte produz pouco. Neste ano, então, aumenta-se o plantio das olerícolas, como forma de repor os rendimentos que o café deixa de dar.

Como o rendimento monetário da propriedade é limitado, e antes de formar o excedente destina-se à reprodução das atividades produtivas e às necessidades de consumo dos proprietários, outras culturas são desenvolvidas para diminuir as despesas de consumo. Cultiva-se assim o feijão e o milho como atividades de subsistência, e muito mais por necessidade de reproduzir o estabelecimento do que propriamente de reunir algum excedente.

A unidade produtiva tem, portanto, uma lógica de organização interna que se adapta seguindo alguns condicionantes, como se viu anteriormente. Existem, porém, elementos externos que são limitadores dessa estabilidade organizativa.

⁵As olerícolas têm em média ciclos que variam de 3 a 5 meses. São plantadas também em rotação com o milho e o feijão. Além de renovar a terra, esse método torna-se viável devido o pequeno tamanho das propriedades do setor.

O elevado consumo de insumos modernos, fertilizantes, defensivos, equipamentos (micro-trator, sistema de irrigação) principalmente demandados pelas olerícolas deste setor 2, cria uma forte dependência entre o estabelecimento e as agroindústrias fornecedoras das inovações da técnica. Nesse sentido, a cada diferencial de aumento de preços entre os insumos modernos que se compra e os produtos vendidos pela unidade agrícola, em favor dos primeiros, restringe a renda monetária na propriedade e, conseqüentemente, aumenta sua instabilidade.

O outro elemento limitador são os entraves do processo de comercialização. O café geralmente é vendido para comerciantes de Santa Maria, Santa Teresa, Itarana, Itaguaçu e até Afonso Cláudio. Não deixa, portanto, de estar sujeito a fortes esquemas de intermediação. O produtor, como se sabe, não é pessoa de recursos, nem tem muita produção capaz de possibilitar vendê-la diretamente a exportadores. Nesse sentido, tem como alternativa vender o produto ao comerciante mais próximo que paga melhor preço, tão logo efetue sua colheita.

No caso das olerícolas, são comuns também as esferas de intermediação. Os produtos destinam-se à Grande Vitória e têm distribuição na CEASA. Para que chegue ao seu destino, é levado geralmente por caminhoneiros transportadores.

A dificuldade de comunicação que têm muitos produtores, até mesmo por falta de domínio pleno da língua, e falta de malícia no trato das coisas do comércio, são limitações que impedem, muitas vezes, os produtores de irem à CEASA vender sua produção. Não tendo meios de transporte, sujeitam-se então aos caminhoneiros.

Pagam, além das taxas de transporte, as caixas de embalagem, cada vez que mandam os produtos. Não acompanhando as mercadorias, nem tendo informações de preços, a sorte do produtor fica nas mãos do caminhoneiro, que sendo desonesto, pode vender as mercadorias por um preço e pagar muito menos aos produtores, embolsando a diferença.

Alguns produtores do setor 2 têm buscado acompanhar a venda do seu produto, indo junto com o caminhoneiro à CEASA. Não é possível que todos façam o mesmo; portanto, ainda podem ser lesados. A solução encontrada tem sido aqueles que mandam mais de 30 caixas acompanhar a mercadoria. Julgam que vender pouca mercadoria, não compensa o deslocamento até a CEASA, pois além de não terem onde dormir, ficando no tempo, têm muitas despesas.

Salvo essas limitações, a venda das mercadorias na CEASA sofre muitas oscilações. Alguns produtores chegam a admitir que por vezes o que tiram da venda não dá nem para pagar as caixas. A trama que envolve esse processo distancia o produtor do consumidor final, permitindo que apareçam, assim, figuras que abocanham parte significativa de sua renda. O que alcança, portanto, as mãos do produtor, é limitado. E são esses valores que vão dizer se o produtor vai continuar a produzir ou não, se vai poder pagar as despesas provenientes do uso de insumos agrícolas ou não, ou mesmo se terá que diminuir seus hábitos de consumo, trabalhar mais horas produzindo sua subsistência ou, por fim, deixar de ser um produtor rural ou não.

No setor de produção 2 apresentam-se 4 bolsões. O bolsão de café/avicultura, situado ao redor de Santa Maria do Jetibá, o de aves/alho/café em Alto Possmouser, o de alho próximo à Fazenda Phagung e um outro de citrus perto da região de Porta Balança, a nordeste do setor.

O bolsão café/avicultura caracteriza-se primeiramente pela proximidade da sua situação com a sede comercial do município — Santa Maria do Jetibá. As propriedades circundam a cidade, daí o fato da maioria dos proprietários residirem em Santa Maria, e ainda empregarem trabalhadores ali residentes. E a outra característica aqui apontada, provém do fato do bolsão concentrar os mais expressivos contingentes avícolas (de postura, cerca de 450.000 aves) e de suínos (400 cabeças) do município.

O café e a avicultura são as principais atividades geradoras de renda do bolsão. Olericultura, pecuária de leite e suínos estão em situação se

cundária. Constituem atividades mais comuns das propriedades daquela área, café/aves e pecuária. As olerícolas aparecem nas propriedades menores e a suinocultura está concentrada em dois estabelecimentos.

Predominam os estabelecimentos menores de 50 hectares, com destaque para os de tamanho entre 20 e 30 hectares. Apesar do tamanho desses estabelecimentos, dentre o seu pessoal ocupado tem destaque o assalariado permanente e o temporário. Os primeiros estão afetos às atividades avícolas, de suinocultura e pecuária, enquanto os segundos trabalham normalmente no café e, por vezes, na olericultura. Há comumente parceiros na olericultura e muito poucos no café.

Ocorre uma importante relação entre a localidade de Santa Maria e a produção agrícola. Diariamente caminhões vão apanhar e levar trabalhadores, o que caracterizaria um mercado de trabalho em formação. Porém, em período de colheita do café, intensificam-se os fluxos de trabalhadores. São recrutados diaristas em Aimorés e São Mateus.

No que se refere às condições técnicas, esta é a área mais tecnicizada do município, tanto em termos de mecanização, quanto no uso de fertilizantes e defensivos. Acontece, porém, que apesar do emprego elevado de insumos industrializados em relação ao uso de adubos, predomina o de composição orgânica, viabilizado que é pela presença de granjas no bolsão.

Existem 5 propriedades que têm pecuária em confinamento. E a suinocultura é uma das mais tecnicizadas da Região I, com manejo, instalações e ração balanceada. Há 2 anos a suinocultura está em retração.

No tocante ao processo de comercialização, o café é vendido aos intermediários de Santa Maria de Jetibá. A comercialização de ovos faz-se via Cooperativa de Santa Maria, que destina cerca de 70% da sua produção para a CEASA de Vitória. A produção de leite é toda ela para o consumo em Santa Maria; do excesso são feitos queijos. Os suínos passam por processo de intermediação local, e também são vendidos a caminhoneiros que

efetua a revenda em Vitória. E, por fim, as olerícolas passam pelo mesmo processo que as demais produções, do gênero, existentes no município, salvo os casos daqueles produtores que possuem sistema próprio de transporte, que evitam pelo menos uma das fases da intermediação.

Em razão das relações de trabalho desenvolvidas, onde predomina o assalariamento—de elevado grau de tecnificação—, admite-se que esse bolsão define-se pela presença de pequenos proprietários que são grandes produtores.

O bolsão aves/alho/café situa-se em Alto Possmouser, conforme Mapa I. Todas as suas atividades respondem igualmente como principais fontes de renda para o produtor. São cultivadas em propriedades nunca maiores de 50 hectares; há, porém, caso de produtor que possui mais de uma propriedade deste tamanho.

O cultivo nesse bolsão apresenta-se essencialmente tecnificado, tanto em uso de insumos agrícolas (fertilizantes e defensivos) quanto no emprego de máquinas. Possui semelhanças, nesse aspecto, com o bolsão de Santa Maria. O seu efetivo avícola, porém, é menor, cerca de 50.000 aves de postura.

As diferenças entre os dois bolsões ocorrem nas relações de trabalho. Enquanto no primeiro (bolsão de Santa Maria) predomina o assalariamento, no segundo destaca a parceria e a mão-de-obra familiar.

A relação de parceria verifica-se no cultivo do café e do alho. E, por outro lado, os assalariados temporários que existem são os próprios parceiros, que para garantir sua reprodução, trabalham nos períodos de folga como diaristas.

O processo de comercialização ocorre nos mesmos moldes do primeiro bolsão.

O bolsão de alho situado nas imediações da Fazenda Phagung possui as mes

mas características daquele de Alto Possmouser. Além do alho, cultivava-se também café, olerícolas e feijão.

Por fim, o bolsão de citrus difere substancialmente dos anteriores. Sua característica principal decorre da especialização que tem os produtores na produção de mudas de citrus. Além disso, cultivava-se café e as lavouras brancas de milho e feijão.

As propriedades, da mesma forma que o geral do município, não têm mais do que 50 hectares. Esse milho e feijão a que se referiu constituem, fundamentalmente, cultivos que garantem a reprodução dos parceiros, tanto no café, quanto no trabalho dos viveiros de mudas. A outra relação de trabalho, trata-se da mão-de-obra familiar.

A produção de mudas é uma atividade desenvolvida com técnica apurada e reconhecida pelo Ministério da Agricultura. Conta, em função disso, com financiamentos do Governo. Essa produção atende aos produtores de toda a Região I. São vendidas tanto na CEASA quanto nas propriedades.

O setor de produção 3 caracteriza-se pela presença quase exclusiva do cultivo de lavouras temporárias. Até por volta de 1975, as principais culturas eram o milho, feijão e mandioca. A partir de 1976, com o aparecimento do alho, tendo seu período áureo de produção entre 1978/79 e 1981, este veio a se constituir no principal produto gerador de renda para o produtor.

Com as quedas de preço decorrentes das flutuações de mercado, o alho veio a perder um pouco sua importância nos períodos recentes. Em razão disso, constata-se o aparecimento e a expansão do cultivo de olerícolas e feijão, quando retraem as plantações de alho. O café, apesar de cultivado, não encontra futuro nesta área. Tem baixa produtividade, além de apresentar um defeito na maturação do fruto—quase nunca amadurece uniformemente. São poucos aqueles que produzem o café, pois requer muitos in

vestimentos, não podendo os produtores dispor de recursos para tal fim. E, por outro lado, não trabalham com o banco, pois têm receio de perder a terra colocada como garantia.

O setor de produção 3 encontra-se localizado no extremo oeste do município de Santa Leopoldina, fazendo divisa com Afonso Cláudio, ao sul com Domingos Martins e ao norte com Itarana. Compreende a parte mais alta do município, atingindo a cota dos 1000 metros. À medida que se caminha de leste para oeste, aumentam as altitudes. O setor é constituído, assim, por terrenos ondulados, que limitam processos de mecanização com tratores maiores de 20 H.P. Mas, por outro lado, essa acidentalidade do terreno causou a formação de quedas d'água, tão necessárias, para aproveitamento, no cultivo do alho.

O solo nesta área é dos piores. Tem pouca fertilidade. As partes baixas são melhores, os morros são menos dotados de fertilidade. Por isso que plantam as culturas secundárias, o feijão e o milho, normalmente, nos morros, e o alho e demais oléícolas, principais geradoras de renda para o produtor, nas baixadas.

Os solos do grupo dito *cambisol*, pouco profundos, são encontrados neste setor 3. E apresentam limitações ao cultivo das lavouras permanentes, sendo, por outro lado, melhor adaptado às lavouras temporárias. Essa talvez seja uma das razões que contribui para a baixa produtividade do café no setor.

No que se refere à estrutura fundiária, os micro (0-10ha) e os pequenos (10-50ha) predominam entre os estabelecimentos existentes. São mais importantes ainda os pequenos estabelecimentos. Não há muitos estabelecimentos com mais de 100 hectares. E entre estes, existem inúmeros casos daqueles que na realidade já foram repartidos por herança e que, contudo, não aparecem nos dados, pois ainda não entraram em processo de regularização⁶, o que por sua vez traduz a existência, na prática, de um maior

⁶Admitem os produtores desta região que os custos de regularização de uma terra é muito alto. Isso faz com que entre família não exista legalmente repartição da terra.

grau de pulverização na estrutura da posse da terra.

Cultiva-se fundamentalmente o alho nesses estabelecimentos. É encontrado em todas as propriedades com até 100 hectares, porém destaca-se como a principal fonte de renda dos produtores naquelas propriedades com tamanho de até 50 hectares. O milho e o feijão são tradicionais na região e participam secundariamente na reprodução do estabelecimento. As limitações naturais ao desenvolvimento de outras espécies faz com que os produtores plantem milho e feijão, além daquele mínimo necessário à sua subsistência.

A batata, apesar de ter sido uma das principais culturas no final dos anos 60 e hoje ter perdido sua importância, ainda é cultivada de forma secundária. Admitem os produtores que diminuiu o cultivo da batata em função das dificuldades na obtenção de mudas e do seu alto preço.

As olerícolas são cultivadas nas micro e pequenas propriedades. Trata-se de uma atividade nova, que se expande em função da retração do alho. O café, por outro lado, encontra-se nas propriedades maiores, porém, como se assinalou, é cultivado por poucos.

Por volta de 80% do pessoal ocupado neste setor é mão-de-obra familiar e 20% parceiros. A existência da mão-de-obra familiar e da parceria num estabelecimento não é tanto função do seu tamanho, e mais decorrência de áreas disponíveis para o cultivo nas propriedades. O fato de ser muito acidentado o relevo, faz com que existam grandes áreas inadaptadas ao cultivo. Neste caso, o próprio trabalho familiar torna-se a única mão-de-obra empregada nas áreas de menor cultivo. Quando aperta o trabalho, há troca de dias. Isso por um lado; por outro, as limitações de recursos, não disponíveis nem para a compra de insumos, criam um importante número de parceiros em sua própria terra. O sócio geralmente fornece adubo, remédio, sementes e a aração da terra em troca da metade da produção e do compromisso dos primeiros em venderem a outra parte da produção.

Planta-se alho, juntamente com o feijão e o milho no mesmo período, entre fevereiro e abril. O terreno é sempre preparado com aração. E o instrumento mais utilizado é o micro-trator. Quando o produtor não tem, aluga. Em julho deste ano era em torno de Cr\$ 7.000,00 a hora.

Faz-se comumente uma adubação e, durante o plantio, emprega-se o adubo orgânico e o químico misturados. No caso do alho, a partir do plantio, já se adapta um processo de irrigação. A molhação é a mais usada. Trata-se da irrigação feita por gravidade. As maiores exigências, por sua vez, desta planta, são requeridas pelo processo de pulverização. Geralmente é feita uma por semana; porém, em períodos de chuva e quando a planta apresenta manifestação de alguma doença, chega a ser pulverizada de 2 a 3 vezes por semana. O outro trato cultural consiste na sua proteção com uma leve cobertura de capim. E, de 5 a 6 meses depois, está em ponto de colheita. Já o feijão e o milho exigem menos dedicação do produtor, ocupa maior tempo na capina e na colheita, esta efetuada entre o 3º e o 4º mês.

Somente depois de passada essa fase, ou seja, do ciclo do alho, os produtores desenvolvem outras atividades. Geralmente a partir de agosto começam a ficar mais livres. Cultivam, aproveitando a disponibilidade de tempo, olerícolas, tomate, pimentão, repolho, principalmente, e ainda o milho e o feijão das águas, completando assim as atividades do ano agrícola. Em algumas propriedades onde está diminuindo o plantio do alho, inicia-se o cultivo também de olerícolas entre fevereiro e abril.

No que se refere aos vínculos dos produtores com o mercado, não lhes restam muitas alternativas no sentido de transpor os obstáculos existentes. O alho e as demais olerícolas, principais fontes de renda para o produtor, até o momento não tiveram seu cultivo viabilizado por outras formas, que não fosse empregando, em larga escala, insumos e equipamentos agrícolas industrializados. Até que se faça pesquisa e encontre outras formas alternativas menos dependentes para o cultivo, existiram poucas condições de melhora para os produtores da região.

Por outro lado, são muito fortes os vínculos estabelecidos via intermediação no processo de comercialização agrícola.

O alho, assim como o milho e o feijão, é vendido na sua quase totalidade a intermediários de Garrafão. Compram os produtos, efetuam o transporte e vendem a preços bem mais elevados. Acabam ficando com expressiva parte do lucro dos produtores. O fato de possuírem transporte próprio e terem despesas para colocar o produto no mercado, aparece para muitos produtores como sendo o motivo dos intermediários comprarem seu produto a preços bem abaixo do mercado.

Os intermediários de Garrafão vendem o alho para a CEASA de Vitória, para Minas, Bahia, norte do Espírito Santo e São Paulo. O feijão e o milho destinam-se aos armazéns da região e à CEASA; quando há sobras, o milho vai para Santa Maria do Jetibá. A indústria de transformação do alho, a Pomerinho, ainda não está comprando o produto na região; por enquanto vem empregando a produção somente dos seus sócios.

As olerícolas são comercializadas da mesma forma anteriormente vista nos outros setores de produção. O caminhoneiro transportador predomina no processo de intermediação. Os produtos destinam-se à CEASA de Vitória e ao norte do Estado. As diferenças talvez mais significativas encontradas neste processo ficam por conta da maior distância das propriedades à CEASA, e das piores condições das estradas, que acabam onerando um pouco mais os custos de transporte.

As possíveis alternativas no sentido de contornar alguns obstáculos existentes no processo de comercialização verificado neste setor, vem sendo pensado pelos produtores. Eles formaram uma associação em Garrafão que está atuando principalmente na comercialização de olerícolas e de alho.

As olerícolas, no caso, são entregues à associação⁷ que as transporta e

⁷A associação possui um caminhão para transporte.

efetua sua venda por consignação na CEASA. Vem obtendo bons resultados, pois ao menos impede que os caminhoneiros vendam na CEASA o produto por um preço, e paguem menos aos produtores. Acaba ainda existindo a intermediação na própria CEASA e os problemas provenientes da necessidade que fazem os produtores de pagarem a caixaria a cada vez que vendem mercadorias.

A associação compra ainda cerca de 10% da produção de alho da região. Não consegue, contudo, ampliar sua atuação; encontra-se em situação de inferioridade frente aos intermediários que, não pagando imposto, têm condições de pagar melhores preços pelo alho. Ficam, portanto, os produtores, sujeitos aos vínculos criados pelas esferas da intermediação que lhes subordinam.

No setor de produção 3 existe um bolsão situado nas imediações de Garrafão. Tem como principal atividade a avicultura. Além desta, cultiva-se secundariamente o café, alho e feijão, além da suinocultura.

Há somente uma propriedade avícola, com cerca de 20.000 aves. Existem em torno de 150 cabeças de suínos. A Associação dos Produtores de Garrafão tem uma pequena propriedade que produz suínos.

As atividades secundárias, o cultivo de alho, café e feijão, são trabalhadas com parceiros. Já as granjas possuem os assalariados permanentes.

Não há grandes propriedades neste bolsão; todas possuem menos de 50 hectares de tamanho. As culturas secundárias têm o mesmo processo de comercialização que as produções do setor 3. E a avicultura está vinculada aos processos de troca que passam pela cooperativa de Santa Maria de Jetibá.⁸

⁸Veja Relatório da Cooperativa de Santa Maria de Jetibá.



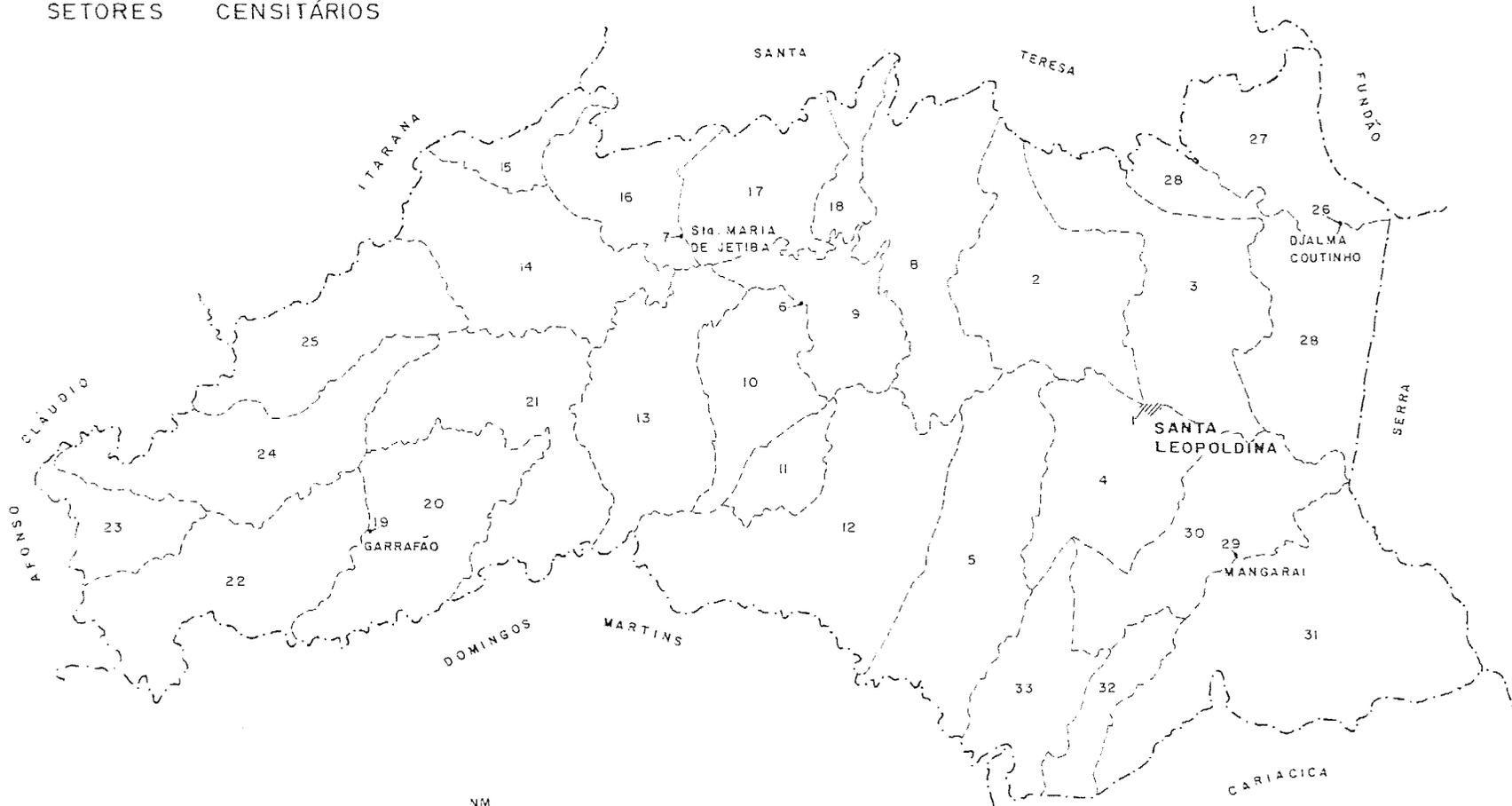
CONVENÇÕES

- LIMITE DE MUNICÍPIO
- SEDE MUNICIPAL
- DIVISÃO DE SETOR DE PRODUÇÃO
- B = Batata VNA = várzea não aproveitada
- p = principal
- s = secundária
- e = empanhada
- subs = subsistência
- pt = potássio

MUNICÍPIO DE SANTA LEOPOLDINA

SETORES CENSITÁRIOS

mapa II



CONVENÇÕES

-  LIMITE DE MUNICÍPIO
-  SEDE MUNICIPAL
-  DIVISÃO DE SETORES CENSITÁRIOS

Frente às transformações que se processaram na agricultura brasileira na última década, Santa Leopoldina se insere nesse movimento reproduzindo a pequena propriedade e as relações de trabalho familiar.

As transformações da agricultura brasileira apontadas aqui, referem-se fundamentalmente às manifestações do processo global de expansão capitalista. E essa expansão capitalista se apresentou na agricultura, de maneira geral, através de mudanças nas relações de produção e da *modernização* do processo produtivo, estabelecendo, assim, vínculos estreitos entre os setores mais dinâmicos e menos dinâmicos da economia.

A peculiaridade, portanto, de Santa Leopoldina em inserir-se nesse contexto, manifestou-se, não pela separação do produtor da propriedade da terra, onde supostamente haveria a sua concentração e a difusão das relações de trabalho tipicamente capitalistas, ou seja, o assalariamento, mas exatamente pelo acontecimento da situação inversa. O controle e subordinação da produção não ocorreu de maneira direta, e sim por intermédio das formas de comercialização e do emprego intensivo de inovações tecnológicas.

Nas informações colhidas do censo de 1970, já se constata alterações no perfil produtivo do município. Com a erradicação do café e mesmo depois de 75 com o seu replantio, passou a ter importância a produção de alimentos em Santa Leopoldina, tendo destaque a olericultura. A elevada necessidade que têm essas culturas de empregar insumos modernos (fertilizantes, defensivos, equipamentos) criada pela difusão tecnológica aos produtores concorrentes e pelas exigências do mercado, viabilizaram situações de dependência entre a produção agrícola e as agroindústrias fornecedoras dos insumos.

Por outro lado, o próprio fato de serem pequenos proprietários, fundamentalmente os produtores de Santa Leopoldina e, conseqüentemente, donos de limitados recursos, é que contribuiu para que ocorresse o seu distanciamento das esferas de comercialização. As exigências de infra-estrutura para tal fim são de elevados custos e proibitivas para aqueles que têm poucos recursos. Sendo assim, possibilitou a formação de fortes esquemas de comercialização que alijam os pequenos produtores das suas esferas. Nesse sentido, tanto a dependência tecnológica quanto os vínculos criados com o processo de comercialização, têm feito com que a pequena produção desse município seja criada e reproduzida continuamente.

Nesse processo de produção, porém, de acordo com as situações surgidas, a pequena produção se amolda e cria novas formas para não se destruir e reproduzir-se continuamente, em conformidade com o ritmo dado pelos setores mais dinâmicos. E por fim, de uma última leitura feita a respeito do processo produtivo de Santa Leopoldina, constatou-se a tendência de que a pequena produção, para enfrentar seus vínculos com o mercado, vem introduzindo uma segunda cultura principal no estabelecimento.

No caso do setor de produção 1, além da doença que afeta as bananeiras, o Mal de Sigatoka, estar exigindo a substituição das lavouras (estão plantando café no lugar da banana), o fato não se manifesta somente por esse motivo. As duas culturas, banana e café, tendem a vir a conviver numa mesma propriedade, onde os produtores possuem condições de arcar com os custos de sua reprodução como alternativa de contornar os efeitos oscilatórios dos preços da banana; isto já difundido no setor.

No setor de produção 2, o café e a olericultura já respondem como as principais fontes de renda dos produtores. A olericultura surgiu como uma alternativa da renda monetária, principalmente nos anos em que o café produz menos. E no setor 3, apesar do alho ainda predominar única e

exclusivamente como a principal¹ fonte de renda, há indícios de que as olerícolas, então emergentes, venham a ser culturas principais, mesmo que de forma esporádica, segundo as flutuações do mercado. Atualmente as olerícolas já são produzidas intencionalmente para o mercado.

Sendo assim, até que sejam criadas alternativas que proporcionem maior grau de liberdade à pequena produção de Santa Leopoldina, tanto no que se refere aos seus vínculos às esferas de comercialização, quanto às tecnologias dependentes, essa citada pequena produção está fadada a se reproduzir, simplesmente.

¹Isto não significa que não haja culturas secundárias no setor.

RELATÓRIO DA COOPERATIVA DE SANTA MARIA DE JETIBÁ

No final de 1962 iniciava a atividade avícola na região de Santa Leopoldina. O financiamento era abundante e feito pelo Banco do Estado do Espírito Santo.

Por motivo da falta de equipamentos e medicamentos, um grupo de produtores já iniciado na avicultura, viu como alternativa a necessidade de centralizar a compra de insumos e a venda de ovos como forma de resolver os problemas imediatos. Nesse sentido, em setembro de 1964, era fundada a Cooperativa de Santa Maria de Jetibá, que atuaria fundamentalmente junto à avicultura de postura.

Conforme estatuto próprio, sua área de atuação ficou compreendida a 17 municípios, havendo porém uma atuação mais efetiva somente no município de Santa Leopoldina. Conceição do Castelo, Domingos Martins e mesmo Santa Leopoldina, já são, em si, hoje, polos avícolas.

Ainda, segundo o estatuto da cooperativa, o número de cooperados atinge hoje 320, sendo 270 ativos. 80% dos cooperados estão no estrato de área de 0-50ha, sendo que 75% destes concentram-se no estrato de 10 a 25ha, localizados no distrito de Jetibá e Garrafão.

Existem entre os cooperados 120 proprietários que trabalham com avicultura; dentre estes, há 5 grandes proprietários, com mais de 20.000 aves (David Mario Quast, Ademar Kerkhoff, Waldir Berger, Erasmo Berger e Waldemiro Berger); 15 médios, com 5.000 a 20.000 aves e o restante são pequenos, com até 5.000 aves.

A Diretoria da Cooperativa tem a seguinte composição:

- 1 Diretor-Superintendente
- 1 Diretor-Vice-presidente
- 1 Diretor-Secretário

RELATÓRIO DA COOPERATIVA DE SANTA MARIA DE JETIBÁ

No final de 1962 iniciava a atividade avícola na região de Santa Leopoldina. O financiamento era abundante e feito pelo Banco do Estado do Espírito Santo.

Por motivo da falta de equipamentos e medicamentos, um grupo de produtores já iniciado na avicultura, viu como alternativa a necessidade de centralizar a compra de insumos e a venda de ovos como forma de resolver os problemas imediatos. Nesse sentido, em setembro de 1964, era fundada a Cooperativa de Santa Maria de Jetibá, que atuaria fundamentalmente junto à avicultura de postura.

Conforme estatuto próprio, sua área de atuação ficou compreendida a 17 municípios, havendo porém uma atuação mais efetiva somente no município de Santa Leopoldina. Conceição do Castelo, Domingos Martins e mesmo Santa Leopoldina, já são, em si, hoje, polos avícolas.

Ainda, segundo o estatuto da cooperativa, o número de cooperados atinge hoje 320, sendo 270 ativos. 80% dos cooperados estão no estrato de área de 0-50ha, sendo que 75% destes concentram-se no estrato de 10 a 25ha, localizados no distrito de Jetibá e Garrafão.

Existem entre os cooperados 120 proprietários que trabalham com avicultura; dentre estes, há 5 grandes proprietários, com mais de 20.000 aves (David Mario Quast, Ademar Kerkhoff, Waldir Berger, Erasmo Berger e Waldemiro Berger); 15 médios, com 5.000 a 20.000 aves e o restante são pequenos, com até 5.000 aves.

A Diretoria da Cooperativa tem a seguinte composição:

- 1 Diretor-Superintendente
- 1 Diretor-Vice-presidente
- 1 Diretor-Secretário

2 Conselheiros

3 Conselheiros Fiscais e

a Assembléia Geral é o órgão supremo.

As obrigações dos cooperados são:

- Comprar insumos e vender a produção na cooperativa (isso, no entanto, não é rígrado);
- Não exercer atividade que concorra com a cooperativa e
- Pagar uma taxa de Cr\$ 25.000 para se filiar.

São direitos do cooperado:

- O voto;
- Participar das atividades da cooperativa;
- Beneficiar-se do fornecimento de insumos, adubos, defensivos, equipamentos, ferramentas, medicamentos, prestação de serviços, crédito de repasse (a cooperativa faz o financiamento e repasse aos associados. Este crédito é direcionado à compra de ração para quem tem aves e varia segundo o número de aves);
- Usar o armazém da cooperativa.

Duas propriedades da cooperativa funcionam para prestação de serviços. O cooperado transfere o pintinho para a cooperativa, que o cria até 90 dias, e depois remete para o cooperado. Uma ave com 90 dias tem um custo normal de Cr\$ 12.000. A ave sendo criada pelas granjas da cooperativa fica em torno de Cr\$ 8.000. Existe na cooperativa um serviço de vacinação, com mão-de-obra especializada e completa assistência técnica.

Seguem alguns aspectos do funcionamento da cooperativa.

O produtor fornece o milho e obtém a ração, pagando o diferencial de preço proveniente da adição dos concentrados e do uso do equipamento de fabricação. O concentrado da ração: milho, farelo de soja e farelo de trigo (macro-componentes) provém do grupo Duralax, de Anhanguera.

A cooperativa tem um caminhão que trabalha só para a entrega de ração.

A comercialização de ovos é quase toda feita através da CEASA-ES. A cooperativa tem loja neste estabelecimento. 70% da produção de ovos passa pela CEASA-ES, já que normalmente a mercadoria fica no Espírito Santo, indo somente algum excesso para a Bahia. A comercialização desse produto é isenta de ICM. A Secretaria da Fazenda, por outro lado, estabelece um preço para cobrança de impostos. Nos outros produtos, por sua vez, incide ICM (17%) e FUNRURAL (2,5%). A margem de manobra, portanto, da cooperativa frente a seus concorrentes, fica por conta da isenção de Imposto de Renda que lhe é facultada.

O lucro de comercialização cobre de 10 a 15% dos custos da cooperativa. O grosso deste é obtido com a venda de insumos. E o lucro do associado é proporcional ao seu movimento. De maneira geral, os lucros dos cooperados têm sido integralizados no capital da cooperativa.

A cooperativa financia a compra de ração. O dinheiro é obtido com a intervenção da cooperativa junto ao banco e o juro é repassado ao associado, que tem 6 meses de carência e 6 meses para reembolso.

O banco transfere de imediato uma parcela do dinheiro à cooperativa; o cooperado utiliza este dinheiro gradativamente, apanhando a ração por semana e a cooperativa, então, tem oportunidade de trabalhar com o dinheiro em aplicações financeiras para, inclusive, viabilizar novos financiamentos.

Existe perspectiva, em futuro próximo, de a cooperativa entrar na comercialização de café, feijão e alho.

A cooperativa é filiada à cooperativa central do ES.

A cooperativa tem um caminhão que trabalha só para a entrega de ração.

A comercialização de ovos é quase toda feita através da CEASA-ES. A cooperativa tem loja neste estabelecimento. 70% da produção de ovos passa pela CEASA-ES, já que normalmente a mercadoria fica no Espírito Santo, indo somente algum excesso para a Bahia. A comercialização desse produto é isenta de ICM. A Secretaria da Fazenda, por outro lado, estabelece um preço para cobrança de impostos. Nos outros produtos, por sua vez, incide ICM (17%) e FUNRURAL (2,5%). A margem de manobra, portanto, da cooperativa frente a seus concorrentes, fica por conta da isenção de Imposto de Renda que lhe é facultada.

O lucro de comercialização cobre de 10 a 15% dos custos da cooperativa. O grosso deste é obtido com a venda de insumos. E o lucro do associado é proporcional ao seu movimento. De maneira geral, os lucros dos cooperados têm sido integralizados no capital da cooperativa.

A cooperativa financia a compra de ração. O dinheiro é obtido com a intervenção da cooperativa junto ao banco e o juro é repassado ao associado, que tem 6 meses de carência e 6 meses para reembolso.

O banco transfere de imediato uma parcela do dinheiro à cooperativa; o cooperado utiliza este dinheiro gradativamente, apanhando a ração por semana e a cooperativa, então, tem oportunidade de trabalhar com o dinheiro em aplicações financeiras para, inclusive, viabilizar novos financiamentos.

Existe perspectiva, em futuro próximo, de a cooperativa entrar na comercialização de café, feijão e alho.

A cooperativa é filiada à cooperativa central do ES.

DADOS DO COMPUTADOR

PROGRAMAS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL INTEGRADO

| SANTA LEOPOLDINA | | SETOR 01 | | CULTURAS : / / / , / / / E / / / | | | | | | | | | | | | | | | | |
|------------------|-----------|----------|------|----------------------------------|-------|--------|-------|--------|-------|-------|-----|----|-----|---|---|---|---|---|---|---|
| TRATOS | A.Ocupada | % A.Ocup | PROP | % PROP | A L P | % ALP | A L T | % ALT | P.OCU | TRAT. | B | D | V | S | U | I | A | V | E | S |
| 0 - 10 | 36.00 | 2.303 | 2 | 40.000 | 22,25 | 61,808 | 3,25 | 9,028 | 22 | 0 | 0 | 9 | 151 | | | | | | | |
| 10 - 50 | 134,40 | 8,599 | 4 | 20,000 | 16,70 | 12,426 | 15,50 | 11,535 | 12 | 0 | 0 | 23 | 120 | | | | | | | |
| 50 - 100 | 252,00 | 16,124 | 4 | 20,000 | 27,00 | 10,714 | 10,50 | 4,167 | 18 | 0 | 20 | 10 | 113 | | | | | | | |
| 100 - 500 | 398,50 | 25,498 | 3 | 15,000 | 25,70 | 6,449 | 12,00 | 3,011 | 15 | 0 | 113 | 23 | 170 | | | | | | | |
| 500 - 1000 | 742,00 | 47,476 | 1 | 5,000 | 7,00 | 0,943 | 29,00 | 3,908 | 9 | 0 | 53 | 0 | 0 | | | | | | | |
| 1000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | | | | | | | |
| TOTAL | 1562,90 | 100,000 | 20 | 100,000 | 95,65 | 6,312 | 70,25 | 4,495 | 74 | 0 | 186 | 65 | 585 | | | | | | | |

| SANTA LEOPOLDINA | | SETOR 02 | | CULTURAS : / / / , / / / E / / / | | | | | | | | | | | | | | | | |
|------------------|-----------|----------|------|----------------------------------|--------|--------|--------|--------|-------|-------|-----|-----|-------|---|---|---|---|---|---|---|
| TRATOS | A.Ocupada | % A.Ocup | PROP | % PROP | A L P | % ALP | A L T | % ALT | P.OCU | TRAT. | B | D | V | S | U | I | A | V | E | S |
| 0 - 10 | 161,00 | 2,819 | 25 | 17,506 | 68,95 | 40,963 | 16,40 | 11,429 | 73 | 1 | 10 | 94 | 10350 | | | | | | | |
| 10 - 50 | 2604,50 | 45,593 | 90 | 63,380 | 351,09 | 15,481 | 207,30 | 7,960 | 311 | 0 | 70 | 299 | 3212 | | | | | | | |
| 50 - 100 | 1304,40 | 22,636 | 18 | 12,678 | 182,90 | 14,022 | 55,80 | 4,278 | 62 | 2 | 19 | 116 | 8525 | | | | | | | |
| 100 - 500 | 1842,40 | 25,753 | 9 | 6,338 | 169,40 | 10,314 | 68,50 | 4,171 | 69 | 4 | 221 | 67 | 428 | | | | | | | |
| 500 - 1000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | | | | | | | |
| 1000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | | | | | | | |
| TOTAL | 5712,10 | 100,000 | 142 | 100,000 | 769,34 | 13,489 | 350,00 | 6,127 | 535 | 7 | 320 | 576 | 22545 | | | | | | | |

| SANTA LEOPOLDINA | | SETOR 03 | | CULTURAS : / / / , / / / E / / / | | | | | | | | | | | | | | | | |
|------------------|-----------|----------|------|----------------------------------|--------|--------|--------|--------|-------|-------|-----|-----|------|---|---|---|---|---|---|---|
| TRATOS | A.Ocupada | % A.Ocup | PROP | % PROP | A L P | % ALP | A L T | % ALT | P.OCU | TRAT. | B | D | V | S | U | I | A | V | E | S |
| 0 - 10 | 20,50 | 0,724 | 4 | 6,557 | 16,10 | 78,537 | 1,00 | 4,878 | 11 | 0 | 0 | 4 | 32 | | | | | | | |
| 10 - 50 | 1105,10 | 39,048 | 42 | 68,853 | 259,93 | 23,523 | 137,00 | 12,397 | 176 | 4 | 247 | 99 | 6093 | | | | | | | |
| 50 - 100 | 733,30 | 25,911 | 10 | 16,393 | 105,00 | 14,319 | 24,30 | 3,314 | 57 | 3 | 100 | 48 | 679 | | | | | | | |
| 100 - 500 | 971,20 | 34,317 | 5 | 8,197 | 149,00 | 15,342 | 4,50 | 0,463 | 19 | 1 | 223 | 2 | 0 | | | | | | | |
| 500 - 1000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | | | | | | | |
| 1000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | | | | | | | |
| TOTAL | 2830,10 | 100,000 | 61 | 100,000 | 530,05 | 16,729 | 166,80 | 5,894 | 263 | 8 | 570 | 153 | 7004 | | | | | | | |

| SANTA LEOPOLDINA | | SETOR 04 | | CULTURAS : / / / , / / / E / / / | | | | | | | | | | | | | | | | |
|------------------|-----------|----------|------|----------------------------------|--------|--------|--------|--------|-------|-------|-----|-----|-------|---|---|---|---|---|---|---|
| TRATOS | A.Ocupada | % A.Ocup | PROP | % PROP | A L P | % ALP | A L T | % ALT | P.OCU | TRAT. | B | D | V | S | U | I | A | V | E | S |
| 0 - 10 | 172,00 | 5,500 | 39 | 30,709 | 49,20 | 28,605 | 26,00 | 15,116 | 79 | 0 | 0 | 90 | 7650 | | | | | | | |
| 10 - 50 | 1978,50 | 63,261 | 75 | 59,055 | 268,00 | 13,546 | 127,50 | 6,444 | 193 | 0 | 272 | 185 | 2962 | | | | | | | |
| 50 - 100 | 836,00 | 26,731 | 12 | 9,449 | 77,00 | 9,211 | 63,00 | 7,536 | 31 | 0 | 178 | 37 | 6760 | | | | | | | |
| 100 - 500 | 141,00 | 4,506 | 1 | 0,787 | 0,00 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 5 | 0 | 85 | 0 | 0 | | | | | | | |
| 500 - 1000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | | | | | | | |
| 1000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | | | | | | | |
| TOTAL | 3127,50 | 100,000 | 127 | 100,000 | 394,20 | 12,604 | 216,50 | 6,922 | 308 | 0 | 535 | 365 | 17372 | | | | | | | |

PROGRAMAS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL INTEGRADO

| SANTA LEOPOLDINA | | SETOR 05 | | CULTURAS : /// , /// E /// | | | | | | | | | | |
|------------------|------------|-----------|------|----------------------------|--------|--------|--------|--------|--------|-------|-------|-------|---------|--|
| ES. MATOS | A. OCUPADA | % A. OCUP | PROP | % PROP | A L P | % ALP | A L T | % ALT | P. OCU | TRAT. | B G V | S U I | A V E S | |
| 0 - 10 | 58.50 | 1.367 | 7 | 7.292 | 2.10 | 17.546 | 22.75 | 38.889 | 16 | 0 | 1 | 9 | 175 | |
| 10 - 50 | 1732.50 | 40.476 | 57 | 59.375 | 143.70 | 5.294 | 253.00 | 14.803 | 175 | 1 | 51 | 248 | 2817 | |
| 50 - 100 | 1855.00 | 43.331 | 27 | 28.125 | 106.90 | 5.763 | 231.00 | 12.453 | 115 | 0 | 203 | 412 | 2435 | |
| 100 - 500 | 525.00 | 14.833 | 5 | 5.208 | 28.20 | 4.441 | 70.00 | 11.024 | 36 | 0 | 29 | 87 | 533 | |
| 500 - 1000 | 0.00 | 0.000 | 0 | 0.000 | 0.00 | 0.000 | 0.00 | 0.000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | |
| 1000 | 0.00 | 0.000 | 0 | 0.000 | 0.00 | 0.000 | 0.00 | 0.000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | |
| T O T A L | 4281.00 | 100.000 | 96 | 100.000 | 286.90 | 6.702 | 576.75 | 13.472 | 342 | 1 | 314 | 756 | 5960 | |

| SANTA LEOPOLDINA | | SETOR 06 | | CULTURAS : /// , /// E /// | | | | | | | | | | |
|------------------|------------|-----------|------|----------------------------|-------|--------|-------|--------|--------|-------|-------|-------|---------|--|
| ES. MATOS | A. OCUPADA | % A. OCUP | PROP | % PROP | A L P | % ALP | A L T | % ALT | P. OCU | TRAT. | B G V | S U I | A V E S | |
| 0 - 10 | 0.00 | 0.000 | 0 | 0.000 | 0.00 | 0.000 | 0.00 | 0.000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | |
| 10 - 50 | 30.00 | 100.000 | 1 | 100.000 | 6.00 | 20.000 | 3.00 | 10.000 | 9 | 0 | 0 | 100 | 200 | |
| 50 - 100 | 0.00 | 0.000 | 0 | 0.000 | 0.00 | 0.000 | 0.00 | 0.000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | |
| 100 - 500 | 0.00 | 0.000 | 0 | 0.000 | 0.00 | 0.000 | 0.00 | 0.000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | |
| 500 - 1000 | 0.00 | 0.000 | 0 | 0.000 | 0.00 | 0.000 | 0.00 | 0.000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | |
| 1000 | 0.00 | 0.000 | 0 | 0.000 | 0.00 | 0.000 | 0.00 | 0.000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | |
| T O T A L | 30.00 | 100.000 | 1 | 100.000 | 6.00 | 20.000 | 3.00 | 10.000 | 9 | 0 | 0 | 100 | 200 | |

| SANTA LEOPOLDINA | | SETOR 07 | | CULTURAS : /// , /// E /// | | | | | | | | | | |
|------------------|------------|-----------|------|----------------------------|-------|--------|-------|--------|--------|-------|-------|-------|---------|--|
| ES. MATOS | A. OCUPADA | % A. OCUP | PROP | % PROP | A L P | % ALP | A L T | % ALT | P. OCU | TRAT. | B G V | S U I | A V E S | |
| 0 - 10 | 41.98 | 18.221 | 23 | 76.867 | 27.77 | 66.155 | 7.78 | 18.534 | 55 | 2 | 0 | 42 | 658 | |
| 10 - 50 | 188.40 | 81.779 | 7 | 23.333 | 89.00 | 38.824 | 13.00 | 8.900 | 32 | 5 | 50 | 44 | 925 | |
| 50 - 100 | 0.00 | 0.000 | 0 | 0.000 | 0.00 | 0.000 | 0.00 | 0.000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | |
| 100 - 500 | 0.00 | 0.000 | 0 | 0.000 | 0.00 | 0.000 | 0.00 | 0.000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | |
| 500 - 1000 | 0.00 | 0.000 | 0 | 0.000 | 0.00 | 0.000 | 0.00 | 0.000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | |
| 1000 | 0.00 | 0.000 | 0 | 0.000 | 0.00 | 0.000 | 0.00 | 0.000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | |
| T O T A L | 230.38 | 100.000 | 30 | 100.000 | 76.77 | 42.305 | 20.78 | 9.020 | 87 | 7 | 50 | 86 | 1583 | |

| SANTA LEOPOLDINA | | SETOR 08 | | CULTURAS : /// , /// E /// | | | | | | | | | | |
|------------------|------------|-----------|------|----------------------------|--------|--------|--------|--------|--------|-------|-------|-------|---------|--|
| ES. MATOS | A. OCUPADA | % A. OCUP | PROP | % PROP | A L P | % ALP | A L T | % ALT | P. OCU | TRAT. | B G V | S U I | A V E S | |
| 0 - 10 | 136.50 | 2.074 | 27 | 21.429 | 47.50 | 34.799 | 33.55 | 24.579 | 58 | 0 | 10 | 18 | 5148 | |
| 10 - 50 | 2159.80 | 32.807 | 73 | 57.937 | 399.00 | 18.476 | 193.50 | 8.960 | 284 | 8 | 146 | 280 | 4121 | |
| 50 - 100 | 1222.20 | 18.567 | 18 | 14.286 | 118.00 | 9.655 | 67.50 | 5.523 | 79 | 2 | 69 | 82 | 738 | |
| 100 - 500 | 1008.50 | 15.776 | 7 | 5.556 | 117.00 | 11.266 | 25.00 | 2.407 | 51 | 0 | 183 | 24 | 255 | |
| 500 - 1000 | 0.00 | 0.000 | 0 | 0.000 | 0.00 | 0.000 | 0.00 | 0.000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | |
| 1000 | 2626.00 | 38.777 | 1 | 0.794 | 21.50 | 1.061 | 3.00 | 0.148 | 11 | 0 | 0 | 0 | 0 | |
| T O T A L | 6552.50 | 100.000 | 126 | 100.000 | 703.00 | 10.679 | 322.55 | 4.900 | 483 | 8 | 408 | 404 | 10258 | |

PROGRAMAS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL INTEGRADO

| SANTA LEOPOLDINA | | SETOR 09 | | CULTURAS : /// , /// E /// | | | | | | | | | |
|------------------|-----------|----------|------|----------------------------|--------|--------|--------|--------|-------|-------|-------|-------|---------|
| TRATOS | A.Ocupada | % A.Ocup | PROP | % PROP | A L P | % ALP | A L T | % ALT | P.OCU | TRAT. | B O V | S U I | A V E S |
| 0 - 10 | 112,62 | 4,645 | 25 | 26,756 | 23,05 | 20,487 | 36,85 | 32,721 | 72 | 1 | 6 | 182 | 5636 |
| 10 - 50 | 1016,40 | 54,295 | 51 | 58,621 | 227,00 | 17,244 | 216,25 | 16,427 | 220 | 13 | 160 | 835 | 21323 |
| 50 - 100 | 400,00 | 16,458 | 6 | 6,297 | 43,50 | 10,875 | 62,00 | 15,500 | 35 | 2 | 59 | 102 | 10643 |
| 100 - 500 | 595,50 | 24,562 | 5 | 5,747 | 114,00 | 19,144 | 17,00 | 2,855 | 70 | 4 | 78 | 96 | 703 |
| 500 - 1000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 1000 - | 0,00 | 0,000 | 0 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| T O T A L | 2424,52 | 100,000 | 87 | 100,000 | 407,55 | 16,810 | 532,10 | 13,696 | 400 | 20 | 305 | 1217 | 38505 |

| SANTA LEOPOLDINA | | SETOR 10 | | CULTURAS : /// , /// E /// | | | | | | | | | |
|------------------|-----------|----------|------|----------------------------|--------|--------|--------|--------|-------|-------|-------|-------|---------|
| TRATOS | A.Ocupada | % A.Ocup | PROP | % PROP | A L P | % ALP | A L T | % ALT | P.OCU | TRAT. | B O V | S U I | A V E S |
| 0 - 10 | 433,00 | 6,795 | 89 | 40,272 | 126,40 | 29,854 | 161,45 | 37,266 | 277 | 6 | 67 | 719 | 18657 |
| 10 - 50 | 2930,39 | 59,520 | 110 | 49,774 | 374,74 | 12,788 | 535,70 | 16,281 | 477 | 15 | 321 | 1004 | 115003 |
| 50 - 100 | 1179,50 | 23,957 | 19 | 8,597 | 113,50 | 9,623 | 147,50 | 12,505 | 127 | 5 | 174 | 558 | 15594 |
| 100 - 500 | 330,50 | 7,728 | 3 | 1,357 | 34,00 | 6,936 | 36,50 | 9,593 | 26 | 4 | 58 | 225 | 1390 |
| 500 - 1000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 1000 - | 0,00 | 0,000 | 0 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| T O T A L | 4973,39 | 100,000 | 221 | 100,000 | 650,64 | 13,213 | 881,15 | 17,697 | 907 | 35 | 620 | 2506 | 150674 |

| SANTA LEOPOLDINA | | SETOR 12 | | CULTURAS : /// , /// E /// | | | | | | | | | |
|------------------|-----------|----------|------|----------------------------|--------|--------|---------|--------|-------|-------|-------|-------|---------|
| TRATOS | A.Ocupada | % A.Ocup | PROP | % PROP | A L P | % ALP | A L T | % ALT | P.OCU | TRAT. | B O V | S U I | A V E S |
| 0 - 10 | 363,00 | 4,944 | 59 | 23,600 | 81,75 | 22,521 | 151,65 | 41,777 | 162 | 1 | 49 | 296 | 2111 |
| 10 - 50 | 4212,20 | 57,367 | 153 | 61,200 | 374,00 | 8,879 | 669,70 | 15,899 | 526 | 11 | 400 | 1291 | 6521 |
| 50 - 100 | 2412,50 | 32,654 | 35 | 14,000 | 203,84 | 8,450 | 226,02 | 9,369 | 167 | 6 | 253 | 622 | 2966 |
| 100 - 500 | 355,00 | 4,835 | 3 | 1,200 | 10,00 | 2,817 | 36,00 | 10,141 | 14 | 0 | 43 | 79 | 290 |
| 500 - 1000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 1000 - | 0,00 | 0,000 | 0 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| T O T A L | 7342,50 | 100,000 | 250 | 100,000 | 669,59 | 9,119 | 1083,37 | 14,755 | 671 | 18 | 745 | 2268 | 12166 |

| SANTA LEOPOLDINA | | SETOR 13 | | CULTURAS : /// , /// E /// | | | | | | | | | |
|------------------|-----------|----------|------|----------------------------|---------|--------|---------|--------|-------|-------|-------|-------|---------|
| TRATOS | A.Ocupada | % A.Ocup | PROP | % PROP | A L P | % ALP | A L T | % ALT | P.OCU | TRAT. | B O V | S U I | A V E S |
| 0 - 10 | 243,25 | 4,663 | 37 | 20,767 | 56,60 | 23,268 | 76,75 | 32,374 | 114 | 4 | 44 | 450 | 6903 |
| 10 - 50 | 3095,68 | 59,345 | 114 | 64,045 | 420,30 | 13,577 | 469,10 | 15,153 | 479 | 36 | 287 | 1434 | 23713 |
| 50 - 100 | 1657,50 | 31,775 | 25 | 14,045 | 116,00 | 6,998 | 156,00 | 9,412 | 146 | 13 | 278 | 870 | 6632 |
| 100 - 500 | 220,00 | 4,217 | 2 | 1,124 | 8,50 | 3,864 | 16,00 | 8,182 | 13 | 2 | 20 | 80 | 210 |
| 500 - 1000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 1000 - | 0,00 | 0,000 | 0 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| T O T A L | 5216,43 | 100,000 | 178 | 100,000 | 1202,80 | 23,058 | 1443,70 | 27,676 | 1506 | 110 | 1258 | 5668 | 74916 |

PROGRAMAS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL INTEGRADO

SANTA LEOPOLDINA SETOR 14 CULTURAS : /// , /// E ///

| ESRATOS | A.Ocupada | % A.Ocup | PROP | % PROP | A L P | % ALP | A L T | % ALT | P.OCU | TRAT. | B O V | S U I | A V E S |
|-----------|-----------|----------|------|---------|--------|--------|---------|--------|-------|-------|-------|-------|---------|
| 0 - 10 | 424.301 | 7.442 | 69 | 28.992 | 153.75 | 36.256 | 182.75 | 38.357 | 174 | 1 | 41 | 327 | 2834 |
| 10 - 50 | 5837.201 | 63.632 | 144 | 60.504 | 349.52 | 15.100 | 1076.50 | 29.581 | 524 | 25 | 325 | 1509 | 52273 |
| 50 - 100 | 3534.201 | 26.910 | 24 | 10.084 | 199.50 | 13.004 | 373.10 | 24.319 | 137 | 4 | 171 | 643 | 3034 |
| 00 - 500 | 103.501 | 1.615 | 1 | 0.420 | 20.00 | 19.324 | 21.50 | 20.773 | 7 | 1 | 7 | 23 | 45 |
| 00 - 1000 | 0.001 | 0.000 | 0 | 0.000 | 0.00 | 0.000 | 0.00 | 0.000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| + 1000 | 0.001 | 0.000 | 0 | 0.000 | 0.00 | 0.000 | 0.00 | 0.000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| T A L | 5701.201 | 100.000 | 238 | 100.000 | 922.77 | 16.186 | 1633.85 | 26.658 | 842 | 31 | 544 | 2502 | 55186 |

SANTA LEOPOLDINA SETOR 15 CULTURAS : /// , /// E ///

| ESRATOS | A.Ocupada | % A.Ocup | PROP | % PROP | A L P | % ALP | A L T | % ALT | P.OCU | TRAT. | B O V | S U I | A V E S |
|-----------|-----------|----------|------|---------|-------|--------|--------|--------|-------|-------|-------|-------|---------|
| 0 - 10 | 11.501 | 1.308 | 4 | 14.815 | 4.50 | 39.130 | 5.95 | 51.739 | 12 | 0 | 0 | 14 | 110 |
| 10 - 50 | 845.601 | 73.358 | 20 | 74.074 | 52.00 | 8.062 | 84.00 | 13.023 | 80 | 1 | 96 | 158 | 481 |
| 50 - 100 | 222.751 | 25.334 | 3 | 11.111 | 18.50 | 8.305 | 19.00 | 8.530 | 19 | 3 | 20 | 38 | 108 |
| 00 - 500 | 0.001 | 0.000 | 0 | 0.000 | 0.00 | 0.000 | 0.00 | 0.000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 00 - 1000 | 0.001 | 0.000 | 0 | 0.000 | 0.00 | 0.000 | 0.00 | 0.000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| + 1000 | 0.001 | 0.000 | 0 | 0.000 | 0.00 | 0.000 | 0.00 | 0.000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| T A L | 879.251 | 100.000 | 27 | 100.000 | 75.00 | 8.530 | 108.95 | 12.391 | 111 | 2 | 116 | 189 | 691 |

SANTA LEOPOLDINA SETOR 16 CULTURAS : /// , /// E ///

| ESRATOS | A.Ocupada | % A.Ocup | PROP | % PROP | A L P | % ALP | A L T | % ALT | P.OCU | TRAT. | B O V | S U I | A V E S |
|-----------|-----------|----------|------|---------|--------|--------|--------|--------|-------|-------|-------|-------|---------|
| 0 - 10 | 191.501 | 9.010 | 42 | 39.623 | 61.35 | 42.480 | 56.70 | 30.653 | 177 | 5 | 10 | 315 | 3559 |
| 10 - 50 | 1572.001 | 73.959 | 56 | 54.717 | 399.60 | 25.420 | 241.75 | 15.379 | 436 | 19 | 188 | 714 | 22915 |
| 50 - 100 | 362.001 | 17.031 | 6 | 5.660 | 34.50 | 9.530 | 39.00 | 10.774 | 42 | 2 | 18 | 100 | 1125 |
| 00 - 500 | 0.001 | 0.000 | 0 | 0.000 | 0.00 | 0.000 | 0.00 | 0.000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 00 - 1000 | 0.001 | 0.000 | 0 | 0.000 | 0.00 | 0.000 | 0.00 | 0.000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| + 1000 | 0.001 | 0.000 | 0 | 0.000 | 0.00 | 0.000 | 0.00 | 0.000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| T A L | 2125.501 | 100.000 | 106 | 100.000 | 515.45 | 24.251 | 339.45 | 15.970 | 655 | 26 | 216 | 1129 | 27599 |

SANTA LEOPOLDINA SETOR 17 CULTURAS : /// , /// E ///

| ESRATOS | A.Ocupada | % A.Ocup | PROP | % PROP | A L P | % ALP | A L T | % ALT | P.OCU | TRAT. | B O V | S U I | A V E S |
|-----------|-----------|----------|------|---------|--------|--------|--------|--------|-------|-------|-------|-------|---------|
| 0 - 10 | 516.931 | 17.257 | 119 | 57.486 | 183.55 | 35.506 | 174.00 | 33.660 | 370 | 12 | 60 | 1160 | 7275 |
| 10 - 50 | 1945.451 | 67.203 | 82 | 39.614 | 441.25 | 22.681 | 417.25 | 21.448 | 500 | 24 | 406 | 1305 | 26019 |
| 50 - 100 | 432.501 | 14.940 | 8 | 2.899 | 94.00 | 21.734 | 32.00 | 7.399 | 33 | 3 | 96 | 31 | 1124 |
| 00 - 500 | 0.001 | 0.000 | 0 | 0.000 | 0.00 | 0.000 | 0.00 | 0.000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 00 - 1000 | 0.001 | 0.000 | 0 | 0.000 | 0.00 | 0.000 | 0.00 | 0.000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| + 1000 | 0.001 | 0.000 | 0 | 0.000 | 0.00 | 0.000 | 0.00 | 0.000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| T A L | 2594.631 | 100.000 | 207 | 100.000 | 718.80 | 24.630 | 623.25 | 21.529 | 903 | 39 | 562 | 1496 | 29408 |

PROGRAMAS DE DESARROLLO REGIONAL INTEGRADO

| SANTA LEOPOLDINA | | SETOR 18 | | CULTURAS : /// , /// E /// | | ESTRATOS : A.Ocupada : % A.Ocup : PROP : % PROF : A.L.F. : % ALP : A.L.T. : % ALT : P.OCC : TRAT. : B.O.V. : S.U.I. : A.V.E.S. | | | | | | | | | |
|------------------|---------|----------|-----|----------------------------|--------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------|--------|-----|----|-----|------|-------|-------|-------|
| 10 - 10 | 120,80 | 8,251 | 21 | 30,000 | 63,50 | 51,292 | 30,50 | 24,537 | 52 | 1 | 2 | 96 | 1534 | 21678 | 85 |
| 10 - 50 | 1100,20 | 75,199 | 46 | 63,714 | 291,53 | 251,226 | 151,50 | 13,539 | 167 | 3 | 47 | 10 | 31 | 227 | 21678 |
| 10 - 100 | 1111,00 | 7,425 | 2 | 2,857 | 11,25 | 10,135 | 15,00 | 13,514 | 11 | 0 | 10 | 10 | 31 | 227 | 85 |
| 50 - 500 | 127,00 | 8,495 | 1 | 1,429 | 80,00 | 62,992 | 10,00 | 7,574 | 46 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 500 - 1000 | 0,00 | 0,00 | 0 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 1000 - 10000 | 0,00 | 0,00 | 0 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 10000 - 100000 | 0,00 | 0,00 | 0 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 100000 - 1000000 | 1951,00 | 1492,00 | 70 | 100,000 | 449,28 | 29,552 | 207,00 | 13,546 | 276 | 5 | 60 | 354 | 23297 | 0 | 0 |
| SANTA LEOPOLDINA | | SETOR 20 | | CULTURAS : /// , /// E /// | | ESTRATOS : A.Ocupada : % A.Ocup : PROP : % PROF : A.L.F. : % ALP : A.L.T. : % ALT : P.OCC : TRAT. : B.O.V. : S.U.I. : A.V.E.S. | | | | | | | | | |
| 10 - 10 | 79,50 | 1,492 | 15 | 9,091 | 13,75 | 17,296 | 21,90 | 40,126 | 66 | 1 | 5 | 90 | 414 | 7742 | 50 |
| 10 - 50 | 3584,00 | 63,502 | 125 | 77,576 | 261,70 | 10,689 | 497,50 | 14,702 | 596 | 33 | 274 | 1158 | 7742 | 0 | 0 |
| 10 - 100 | 1112,00 | 20,567 | 17 | 10,333 | 95,50 | 8,855 | 156,50 | 14,074 | 135 | 6 | 67 | 218 | 36490 | 0 | 0 |
| 50 - 500 | 753,50 | 14,140 | 5 | 3,030 | 97,50 | 12,940 | 57,00 | 11,546 | 145 | 4 | 11 | 56 | 30300 | 0 | 0 |
| 500 - 1000 | 0,00 | 0,00 | 0 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 1000 - 10000 | 0,00 | 0,00 | 0 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 10000 - 100000 | 5229,00 | 100,000 | 155 | 100,000 | 571,45 | 10,723 | 772,90 | 14,504 | 942 | 44 | 357 | 1552 | 74946 | 0 | 0 |
| SANTA LEOPOLDINA | | SETOR 21 | | CULTURAS : /// , /// E /// | | ESTRATOS : A.Ocupada : % A.Ocup : PROP : % PROF : A.L.F. : % ALP : A.L.T. : % ALT : P.OCC : TRAT. : B.O.V. : S.U.I. : A.V.E.S. | | | | | | | | | |
| 10 - 10 | 248,41 | 4,790 | 43 | 20,094 | 53,35 | 21,477 | 102,49 | 41,460 | 135 | 2 | 30 | 372 | 666 | 9781 | 886 |
| 10 - 50 | 3727,25 | 67,370 | 150 | 70,094 | 326,20 | 9,020 | 679,00 | 16,217 | 605 | 19 | 421 | 1446 | 9781 | 0 | 0 |
| 10 - 100 | 1049,88 | 18,977 | 17 | 7,944 | 138,49 | 13,191 | 161,00 | 15,335 | 185 | 11 | 154 | 280 | 29871 | 0 | 0 |
| 50 - 500 | 537,00 | 9,164 | 4 | 1,869 | 26,00 | 5,128 | 42,00 | 8,284 | 32 | 1 | 65 | 36 | 910 | 0 | 0 |
| 500 - 1000 | 0,00 | 0,00 | 0 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 1000 - 10000 | 0,00 | 0,00 | 0 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 10000 - 100000 | 5521,54 | 100,000 | 214 | 100,000 | 554,04 | 10,014 | 984,99 | 17,504 | 957 | 33 | 673 | 2134 | 49445 | 0 | 0 |

PROGRAMAS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL INTEGRADO

SANTA LEOPOLDINA SETOR 22 CULTURAS : /// , /// E ///

| ESTRATOS | A.Ocupada | % A.Ocup | PROP | % PROP | A L P | % ALP | A L T | % ALT | P.OCU | TRAT. | B O V | S U I | A V E S |
|-----------|-----------|----------|------|---------|--------|-------|--------|--------|-------|-------|-------|-------|---------|
| 0 - 10 | 238.50 | 4.758 | 32 | 21.622 | 22.70 | 9.722 | 116.05 | 49.700 | 91 | 0 | 26 | 208 | 1208 |
| 10 - 50 | 2780.90 | 56.262 | 93 | 62.838 | 168.30 | 6.096 | 503.50 | 18.237 | 379 | 11 | 370 | 1032 | 11723 |
| 50 - 100 | 1309.80 | 26.691 | 19 | 12.838 | 27.30 | 2.084 | 165.00 | 12.597 | 113 | 7 | 137 | 195 | 1048 |
| 00 - 500 | 603.00 | 12.285 | 4 | 2.703 | 17.50 | 2.902 | 36.00 | 3.970 | 30 | 0 | 163 | 76 | 210 |
| 00 - 1000 | 0.00 | 0.000 | 0 | 0.000 | 0.00 | 0.000 | 0.00 | 0.000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| + 1000 | 0.00 | 0.000 | 0 | 0.000 | 0.00 | 0.000 | 0.00 | 0.000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| TOTAL | 4907.20 | 100.000 | 148 | 100.000 | 238.50 | 4.805 | 820.55 | 16.721 | 613 | 18 | 696 | 1511 | 14159 |

SANTA LEOPOLDINA SETOR 23 CULTURAS : /// , /// E ///

| ESTRATOS | A.Ocupada | % A.Ocup | PROP | % PROP | A L P | % ALP | A L T | % ALT | P.OCU | TRAT. | B O V | S U I | A V E S |
|-----------|-----------|----------|------|---------|-------|-------|--------|--------|-------|-------|-------|-------|---------|
| 0 - 10 | 76.00 | 6.164 | 10 | 25.000 | 6.00 | 7.595 | 43.00 | 58.579 | 38 | 0 | 41 | 66 | 496 |
| 10 - 50 | 724.00 | 58.719 | 25 | 62.500 | 50.50 | 6.975 | 287.00 | 39.641 | 78 | 3 | 96 | 283 | 1475 |
| 50 - 100 | 296.00 | 24.007 | 4 | 10.000 | 4.00 | 1.351 | 102.00 | 34.460 | 32 | 2 | 66 | 71 | 400 |
| 00 - 500 | 137.00 | 11.111 | 1 | 2.500 | 8.00 | 5.839 | 33.00 | 24.085 | 7 | 0 | 15 | 34 | 150 |
| 00 - 1000 | 0.00 | 0.000 | 0 | 0.000 | 0.00 | 0.000 | 0.00 | 0.000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| + 1000 | 0.00 | 0.000 | 0 | 0.000 | 0.00 | 0.000 | 0.00 | 0.000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| TOTAL | 1233.00 | 100.000 | 40 | 100.000 | 68.50 | 5.556 | 465.00 | 37.715 | 155 | 5 | 216 | 474 | 2521 |

SANTA LEOPOLDINA SETOR 24 CULTURAS : /// , /// E ///

| ESTRATOS | A.Ocupada | % A.Ocup | PROP | % PROP | A L P | % ALP | A L T | % ALT | P.OCU | TRAT. | B O V | S U I | A V E S |
|-----------|-----------|----------|------|---------|--------|--------|---------|--------|-------|-------|-------|-------|---------|
| 0 - 10 | 132.00 | 2.832 | 19 | 13.765 | 22.00 | 16.867 | 73.50 | 55.652 | 46 | 0 | 28 | 177 | 735 |
| 10 - 50 | 3079.30 | 66.210 | 100 | 72.464 | 396.50 | 9.954 | 1011.25 | 32.340 | 308 | 22 | 514 | 1608 | 5741 |
| 50 - 100 | 1303.00 | 28.017 | 18 | 13.044 | 65.50 | 5.027 | 271.00 | 20.795 | 66 | 7 | 198 | 282 | 1145 |
| 00 - 500 | 136.50 | 2.935 | 1 | 0.725 | 2.50 | 1.532 | 25.00 | 18.315 | 4 | 1 | 20 | 19 | 120 |
| 00 - 1000 | 0.00 | 0.000 | 0 | 0.000 | 0.00 | 0.000 | 0.00 | 0.000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| + 1000 | 0.00 | 0.000 | 0 | 0.000 | 0.00 | 0.000 | 0.00 | 0.000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| TOTAL | 4650.80 | 100.000 | 138 | 100.000 | 396.50 | 8.525 | 1360.75 | 29.655 | 424 | 30 | 756 | 2084 | 7741 |

SANTA LEOPOLDINA SETOR 25 CULTURAS : /// , /// E ///

| ESTRATOS | A.Ocupada | % A.Ocup | PROP | % PROP | A L P | % ALP | A L T | % ALT | P.OCU | TRAT. | B O V | S U I | A V E S |
|-----------|-----------|----------|------|---------|--------|--------|--------|--------|-------|-------|-------|-------|---------|
| 0 - 10 | 32.00 | 1.233 | 6 | 6.742 | 7.50 | 23.438 | 23.00 | 71.875 | 16 | 0 | 0 | 41 | 75 |
| 10 - 50 | 2029.00 | 78.210 | 76 | 85.393 | 209.00 | 10.301 | 633.00 | 31.198 | 259 | 24 | 209 | 817 | 3574 |
| 50 - 100 | 383.30 | 14.775 | 6 | 6.742 | 8.00 | 2.087 | 56.00 | 14.610 | 13 | 1 | 27 | 49 | 171 |
| 00 - 500 | 150.00 | 5.782 | 1 | 1.124 | 6.00 | 4.000 | 30.00 | 20.000 | 4 | 1 | 20 | 49 | 50 |
| 00 - 1000 | 0.00 | 0.000 | 0 | 0.000 | 0.00 | 0.000 | 0.00 | 0.000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| + 1000 | 0.00 | 0.000 | 0 | 0.000 | 0.00 | 0.000 | 0.00 | 0.000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| TOTAL | 2594.30 | 100.000 | 89 | 100.000 | 230.50 | 8.555 | 742.00 | 25.601 | 292 | 26 | 256 | 956 | 3870 |

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES

PROGRAMAS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL INTEGRADO

78

SANTA LEOPOLDINA SETOR 26 CULTURAS : /// , /// E ///

| ESTRATOS | A.OCUPADA | % A.OCUP | PROP | % PROP | A L P | % ALP | A L T | % ALT | P.OCU | TRAT. | B O V | S U I | A V E S |
|------------|-----------|----------|------|---------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|---------|
| 0 - 10 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 10 - 50 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 50 - 100 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 100 - 500 | 109,00 | 100,000 | 1 | 100,000 | 8,00 | 7,339 | 2,50 | 2,294 | 1 | 0 | 38 | 0 | 0 |
| 500 - 1000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| + 1000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| TOTAL | 109,00 | 100,000 | 1 | 100,000 | 8,00 | 7,339 | 2,50 | 2,294 | 1 | 0 | 38 | 0 | 0 |

SANTA LEOPOLDINA SETOR 27 CULTURAS : /// , /// E ///

| ESTRATOS | A.OCUPADA | % A.OCUP | PROP | % PROP | A L P | % ALP | A L T | % ALT | P.OCU | TRAT. | B O V | S U I | A V E S |
|------------|-----------|----------|------|---------|--------|--------|--------|--------|-------|-------|-------|-------|---------|
| 0 - 10 | 113,50 | 3,195 | 21 | 22,581 | 59,20 | 52,159 | 23,00 | 20,264 | 46 | 0 | 12 | 66 | 740 |
| 10 - 50 | 1449,90 | 40,615 | 50 | 53,763 | 352,55 | 24,316 | 109,25 | 7,535 | 208 | 1 | 144 | 209 | 2705 |
| 50 - 100 | 1378,50 | 38,805 | 20 | 21,505 | 373,85 | 27,120 | 39,90 | 2,894 | 110 | 3 | 165 | 97 | 1035 |
| 100 - 500 | 610,50 | 17,166 | 2 | 2,151 | 29,00 | 4,750 | 13,50 | 2,211 | 16 | 1 | 114 | 14 | 150 |
| 500 - 1000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| + 1000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| TOTAL | 3552,40 | 100,000 | 93 | 100,000 | 614,60 | 22,931 | 185,65 | 5,226 | 380 | 5 | 435 | 386 | 4930 |

SANTA LEOPOLDINA SETOR 28 CULTURAS : /// , /// E ///

| ESTRATOS | A.OCUPADA | % A.OCUP | PROP | % PROP | A L P | % ALP | A L T | % ALT | P.OCU | TRAT. | B O V | S U I | A V E S |
|------------|-----------|----------|------|---------|--------|--------|--------|--------|-------|-------|-------|-------|---------|
| 0 - 10 | 67,00 | 1,603 | 10 | 14,493 | 23,85 | 38,597 | 12,15 | 16,134 | 19 | 0 | 21 | 27 | 530 |
| 10 - 50 | 1023,00 | 24,596 | 39 | 56,522 | 183,95 | 17,894 | 75,25 | 7,320 | 180 | 1 | 269 | 74 | 1500 |
| 50 - 100 | 637,50 | 16,449 | 10 | 14,493 | 89,10 | 12,963 | 24,00 | 3,491 | 48 | 0 | 137 | 53 | 580 |
| 100 - 500 | 1568,00 | 37,595 | 9 | 13,044 | 96,80 | 6,096 | 16,42 | 1,034 | 127 | 4 | 613 | 32 | 200 |
| 500 - 1000 | 809,00 | 19,356 | 1 | 1,449 | 100,00 | 12,361 | 20,00 | 2,472 | 24 | 1 | 195 | 28 | 0 |
| + 1000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| TOTAL | 4179,50 | 100,000 | 69 | 100,000 | 493,70 | 11,812 | 147,82 | 3,537 | 398 | 6 | 1228 | 228 | 2810 |

SANTA LEOPOLDINA SETOR 29 CULTURAS : /// , /// E ///

| ESTRATOS | A.OCUPADA | % A.OCUP | PROP | % PROP | A L P | % ALP | A L T | % ALT | P.OCU | TRAT. | B O V | S U I | A V E S |
|------------|-----------|----------|------|---------|-------|--------|-------|--------|-------|-------|-------|-------|---------|
| 0 - 10 | 2,00 | 1,652 | 1 | 33,333 | 0,30 | 15,000 | 0,20 | 10,000 | 3 | 0 | 0 | 0 | 40 |
| 10 - 50 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 50 - 100 | 108,00 | 98,148 | 2 | 66,667 | 20,00 | 18,668 | 3,00 | 2,830 | 9 | 0 | 47 | 1 | 150 |
| 100 - 500 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 500 - 1000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| + 1000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| TOTAL | 108,00 | 100,000 | 3 | 100,000 | 20,30 | 18,796 | 3,20 | 2,963 | 12 | 0 | 47 | 1 | 190 |

| MUNICÍPIO | | SETOR 30 | | CULTURAS : / / / E / / / | | ESPAÇOS : A.Ocupada : % A.Ocup : PROP : % PROP : A.L.F. : % A.L.F. : A.L.T. : % A.L.T. : F.Ocu : TRAT. : B.O.V. : S.U.I. : A.V.E.S. | | | | | | | |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------|-----------|----|--------------------------|--------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|--------|------|--------|------|
| 10 | 160,25 | 6,258 | 24 | 40,77 | 46,68 | 28,490 | 39,20 | 23,824 | 98 | 0 | 37 | 38 | 737 |
| 10 - 50 | 520,00 | 31,699 | 30 | 35,71 | 148,90 | 17,970 | 72,50 | 8,735 | 122 | 0 | 216 | 160 | 912 |
| 50 - 100 | 1206,50 | 46,079 | 17 | 20,238 | 153,00 | 12,681 | 75,00 | 6,216 | 66 | 1 | 258 | 105 | 682 |
| 50 - 500 | 418,00 | 15,964 | 3 | 3,571 | 34,00 | 8,134 | 5,50 | 2,273 | 15 | 0 | 123 | 5 | 120 |
| 100 - 1000 | 0,00 | 0,00 | 0 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| + 1000 | 0,00 | 0,00 | 0 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| D. A.L. : 2618,35 | | 100,000 | | 100,000 | | 100,000 | | 362,58 | | 14,611 | | 156,20 | |
| E. MATOS : A.Ocupada : % A.Ocup : PROP : % PROP : A.L.F. : % A.L.F. : A.L.T. : % A.L.T. : F.Ocu : TRAT. : B.O.V. : S.U.I. : A.V.E.S. | | MUNICÍPIO | | SETOR 31 | | CULTURAS : / / / E / / / | | ESPAÇOS : A.Ocupada : % A.Ocup : PROP : % PROP : A.L.F. : % A.L.F. : A.L.T. : % A.L.T. : F.Ocu : TRAT. : B.O.V. : S.U.I. : A.V.E.S. | | | | | |
| 10 | 118,68 | 1,647 | 28 | 40,580 | 34,25 | 29,374 | 33,80 | 28,988 | 80 | 0 | 25 | 59 | 398 |
| 10 - 50 | 545,00 | 7,700 | 21 | 30,435 | 75,90 | 13,927 | 74,60 | 13,688 | 58 | 0 | 129 | 42 | 278 |
| 50 - 100 | 502,30 | 7,097 | 7 | 10,145 | 44,69 | 8,897 | 51,32 | 6,235 | 23 | 1 | 298 | 24 | 330 |
| 50 - 500 | 2894,21 | 40,892 | 10 | 14,492 | 62,51 | 2,160 | 181,91 | 6,285 | 102 | 6 | 1172 | 157 | 425 |
| 100 - 1000 | 1509,42 | 21,327 | 2 | 2,899 | 0,00 | 0,000 | 72,60 | 4,810 | 79 | 4 | 934 | 0 | 6328 |
| + 1000 | 1510,88 | 21,336 | 1 | 1,449 | 469,48 | 31,090 | 484,00 | 32,051 | 10 | 1 | 81 | 0 | 18 |
| D. A.L. : 7077,61 | | 100,000 | | 100,000 | | 100,000 | | 889,82 | | 9,707 | | 878,23 | |
| E. MATOS : A.Ocupada : % A.Ocup : PROP : % PROP : A.L.F. : % A.L.F. : A.L.T. : % A.L.T. : F.Ocu : TRAT. : B.O.V. : S.U.I. : A.V.E.S. | | MUNICÍPIO | | SETOR 32 | | CULTURAS : / / / E / / / | | ESPAÇOS : A.Ocupada : % A.Ocup : PROP : % PROP : A.L.F. : % A.L.F. : A.L.T. : % A.L.T. : F.Ocu : TRAT. : B.O.V. : S.U.I. : A.V.E.S. | | | | | |
| 10 | 180,50 | 2,929 | 16 | 20,000 | 32,00 | 32,838 | 9,00 | 8,955 | 39 | 0 | 11 | 21 | 57 |
| 10 - 50 | 1024,30 | 32,299 | 49 | 61,250 | 302,00 | 22,709 | 89,50 | 4,459 | 167 | 0 | 194 | 187 | 3702 |
| 50 - 100 | 899,60 | 38,237 | 13 | 18,250 | 97,00 | 10,790 | 19,00 | 2,112 | 49 | 0 | 151 | 84 | 511 |
| 50 - 500 | 217,50 | 8,328 | 2 | 2,500 | 70,50 | 14,023 | 5,50 | 2,529 | 9 | 0 | 17 | 8 | 37 |
| + 1000 | 0,00 | 0,00 | 0 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| D. A.L. : 2881,30 | | 100,000 | | 100,000 | | 100,000 | | 462,50 | | 18,167 | | 93,00 | |
| E. MATOS : A.Ocupada : % A.Ocup : PROP : % PROP : A.L.F. : % A.L.F. : A.L.T. : % A.L.T. : F.Ocu : TRAT. : B.O.V. : S.U.I. : A.V.E.S. | | MUNICÍPIO | | SETOR 33 | | CULTURAS : / / / E / / / | | ESPAÇOS : A.Ocupada : % A.Ocup : PROP : % PROP : A.L.F. : % A.L.F. : A.L.T. : % A.L.T. : F.Ocu : TRAT. : B.O.V. : S.U.I. : A.V.E.S. | | | | | |
| 10 | 67,00 | 1,378 | 10 | 10,204 | 8,10 | 12,090 | 17,90 | 26,716 | 20 | 0 | 4 | 17 | 185 |
| 10 - 50 | 1699,50 | 34,994 | 58 | 57,143 | 112,50 | 6,620 | 198,10 | 11,539 | 157 | 2 | 102 | 259 | 2080 |
| 50 - 100 | 1623,00 | 33,528 | 23 | 23,469 | 98,25 | 5,994 | 109,50 | 6,705 | 80 | 0 | 82 | 148 | 828 |
| 50 - 500 | 1471,00 | 30,202 | 9 | 9,184 | 68,50 | 4,657 | 112,50 | 7,648 | 53 | 1 | 108 | 70 | 490 |
| 100 - 1000 | 0,00 | 0,00 | 0 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| + 1000 | 0,00 | 0,00 | 0 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| D. A.L. : 4870,50 | | 100,000 | | 100,000 | | 100,000 | | 283,35 | | 5,355 | | 408,00 | |
| E. MATOS : A.Ocupada : % A.Ocup : PROP : % PROP : A.L.F. : % A.L.F. : A.L.T. : % A.L.T. : F.Ocu : TRAT. : B.O.V. : S.U.I. : A.V.E.S. | | MUNICÍPIO | | SETOR 34 | | CULTURAS : / / / E / / / | | ESPAÇOS : A.Ocupada : % A.Ocup : PROP : % PROP : A.L.F. : % A.L.F. : A.L.T. : % A.L.T. : F.Ocu : TRAT. : B.O.V. : S.U.I. : A.V.E.S. | | | | | |
| 10 | 160,25 | 6,258 | 24 | 40,77 | 46,68 | 28,490 | 39,20 | 23,824 | 98 | 0 | 37 | 38 | 737 |
| 10 - 50 | 520,00 | 31,699 | 30 | 35,71 | 148,90 | 17,970 | 72,50 | 8,735 | 122 | 0 | 216 | 160 | 912 |
| 50 - 100 | 1206,50 | 46,079 | 17 | 20,238 | 153,00 | 12,681 | 75,00 | 6,216 | 66 | 1 | 258 | 105 | 682 |
| 50 - 500 | 418,00 | 15,964 | 3 | 3,571 | 34,00 | 8,134 | 5,50 | 2,273 | 15 | 0 | 123 | 5 | 120 |
| 100 - 1000 | 0,00 | 0,00 | 0 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| + 1000 | 0,00 | 0,00 | 0 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| D. A.L. : 2618,35 | | 100,000 | | 100,000 | | 100,000 | | 362,58 | | 14,611 | | 156,20 | |
| E. MATOS : A.Ocupada : % A.Ocup : PROP : % PROP : A.L.F. : % A.L.F. : A.L.T. : % A.L.T. : F.Ocu : TRAT. : B.O.V. : S.U.I. : A.V.E.S. | | MUNICÍPIO | | SETOR 35 | | CULTURAS : / / / E / / / | | ESPAÇOS : A.Ocupada : % A.Ocup : PROP : % PROP : A.L.F. : % A.L.F. : A.L.T. : % A.L.T. : F.Ocu : TRAT. : B.O.V. : S.U.I. : A.V.E.S. | | | | | |
| 10 | 160,25 | 6,258 | 24 | 40,77 | 46,68 | 28,490 | 39,20 | 23,824 | 98 | 0 | 37 | 38 | 737 |
| 10 - 50 | 520,00 | 31,699 | 30 | 35,71 | 148,90 | 17,970 | 72,50 | 8,735 | 122 | 0 | 216 | 160 | 912 |
| 50 - 100 | 1206,50 | 46,079 | 17 | 20,238 | 153,00 | 12,681 | 75,00 | 6,216 | 66 | 1 | 258 | 105 | 682 |
| 50 - 500 | 418,00 | 15,964 | 3 | 3,571 | 34,00 | 8,134 | 5,50 | 2,273 | 15 | 0 | 123 | 5 | 120 |
| 100 - 1000 | 0,00 | 0,00 | 0 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| + 1000 | 0,00 | 0,00 | 0 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| D. A.L. : 4870,50 | | 100,000 | | 100,000 | | 100,000 | | 283,35 | | 5,355 | | 408,00 | |
| E. MATOS : A.Ocupada : % A.Ocup : PROP : % PROP : A.L.F. : % A.L.F. : A.L.T. : % A.L.T. : F.Ocu : TRAT. : B.O.V. : S.U.I. : A.V.E.S. | | MUNICÍPIO | | SETOR 36 | | CULTURAS : / / / E / / / | | ESPAÇOS : A.Ocupada : % A.Ocup : PROP : % PROP : A.L.F. : % A.L.F. : A.L.T. : % A.L.T. : F.Ocu : TRAT. : B.O.V. : S.U.I. : A.V.E.S. | | | | | |
| 10 | 160,25 | 6,258 | 24 | 40,77 | 46,68 | 28,490 | 39,20 | 23,824 | 98 | 0 | 37 | 38 | 737 |
| 10 - 50 | 520,00 | 31,699 | 30 | 35,71 | 148,90 | 17,970 | 72,50 | 8,735 | 122 | 0 | 216 | 160 | 912 |
| 50 - 100 | 1206,50 | 46,079 | 17 | 20,238 | 153,00 | 12,681 | 75,00 | 6,216 | 66 | 1 | 258 | 105 | 682 |
| 50 - 500 | 418,00 | 15,964 | 3 | 3,571 | 34,00 | 8,134 | 5,50 | 2,273 | 15 | 0 | 123 | 5 | 120 |
| 100 - 1000 | 0,00 | 0,00 | 0 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| + 1000 | 0,00 | 0,00 | 0 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| D. A.L. : 4870,50 | | 100,000 | | 100,000 | | 100,000 | | 283,35 | | 5,355 | | 408,00 | |
| E. MATOS : A.Ocupada : % A.Ocup : PROP : % PROP : A.L.F. : % A.L.F. : A.L.T. : % A.L.T. : F.Ocu : TRAT. : B.O.V. : S.U.I. : A.V.E.S. | | MUNICÍPIO | | SETOR 37 | | CULTURAS : / / / E / / / | | ESPAÇOS : A.Ocupada : % A.Ocup : PROP : % PROP : A.L.F. : % A.L.F. : A.L.T. : % A.L.T. : F.Ocu : TRAT. : B.O.V. : S.U.I. : A.V.E.S. | | | | | |
| 10 | 160,25 | 6,258 | 24 | 40,77 | 46,68 | 28,490 | 39,20 | 23,824 | 98 | 0 | 37 | 38 | 737 |
| 10 - 50 | 520,00 | 31,699 | 30 | 35,71 | 148,90 | 17,970 | 72,50 | 8,735 | 122 | 0 | 216 | 160 | 912 |
| 50 - 100 | 1206,50 | 46,079 | 17 | 20,238 | 153,00 | 12,681 | 75,00 | 6,216 | 66 | 1 | 258 | 105 | 682 |
| 50 - 500 | 418,00 | 15,964 | 3 | 3,571 | 34,00 | 8,134 | 5,50 | 2,273 | 15 | 0 | 123 | 5 | 120 |
| 100 - 1000 | 0,00 | 0,00 | 0 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| + 1000 | 0,00 | 0,00 | 0 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| D. A.L. : 4870,50 | | 100,000 | | 100,000 | | 100,000 | | 283,35 | | 5,355 | | 408,00 | |
| E. MATOS : A.Ocupada : % A.Ocup : PROP : % PROP : A.L.F. : % A.L.F. : A.L.T. : % A.L.T. : F.Ocu : TRAT. : B.O.V. : S.U.I. : A.V.E.S. | | MUNICÍPIO | | SETOR 38 | | CULTURAS : / / / E / / / | | ESPAÇOS : A.Ocupada : % A.Ocup : PROP : % PROP : A.L.F. : % A.L.F. : A.L.T. : % A.L.T. : F.Ocu : TRAT. : B.O.V. : S.U.I. : A.V.E.S. | | | | | |
| 10 | 160,25 | 6,258 | 24 | 40,77 | 46,68 | 28,490 | 39,20 | 23,824 | 98 | 0 | 37 | 38 | 737 |
| 10 - 50 | 520,00 | 31,699 | 30 | 35,71 | 148,90 | 17,970 | 72,50 | 8,735 | 122 | 0 | 216 | 160 | 912 |
| 50 - 100 | 1206,50 | 46,079 | 17 | 20,238 | 153,00 | 12,681 | 75,00 | 6,216 | 66 | 1 | 258 | 105 | 682 |
| 50 - 500 | 418,00 | 15,964 | 3 | 3,571 | 34,00 | 8,134 | 5,50 | 2,273 | 15 | 0 | 123 | 5 | 120 |
| 100 - 1000 | 0,00 | 0,00 | 0 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| + 1000 | 0,00 | 0,00 | 0 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| D. A.L. : 4870,50 | | 100,000 | | 100,000 | | 100,000 | | 283,35 | | 5,355 | | 408,00 | |
| E. MATOS : A.Ocupada : % A.Ocup : PROP : % PROP : A.L.F. : % A.L.F. : A.L.T. : % A.L.T. : F.Ocu : TRAT. : B.O.V. : S.U.I. : A.V.E.S. | | MUNICÍPIO | | SETOR 39 | | CULTURAS : / / / E / / / | | ESPAÇOS : A.Ocupada : % A.Ocup : PROP : % PROP : A.L.F. : % A.L.F. : A.L.T. : % A.L.T. : F.Ocu : TRAT. : B.O.V. : S.U.I. : A.V.E.S. | | | | | |
| 10 | 160,25 | 6,258 | 24 | 40,77 | 46,68 | 28,490 | 39,20 | 23,824 | 98 | 0 | 37 | 38 | 737 |
| 10 - 50 | 520,00 | 31,699 | 30 | 35,71 | 148,90 | 17,970 | 72,50 | 8,735 | 122 | 0 | 216 | 160 | 912 |
| 50 - 100 | 1206,50 | 46,079 | 17 | 20,238 | 153,00 | 12,681 | 75,00 | 6,216 | 66 | 1 | 258 | 105 | 682 |
| 50 - 500 | 418,00 | 15,964 | 3 | 3,571 | 34,00 | 8,134 | 5,50 | 2,273 | 15 | 0 | 123 | 5 | 120 |
| 100 - 1000 | 0,00 | 0,00 | 0 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| + 1000 | 0,00 | 0,00 | 0 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0,00 | 0,000 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| D. A.L. : 4870,50 | | 100,000 | | 100,000 | | 100,000 | | 283,35 | | 5,355 | | 408,00 | |
| E. MATOS : A.Ocupada : % A.Ocup : PROP : % PROP : A.L.F. : % A.L.F. : A.L.T. : % A.L.T. : F.Ocu : TRAT. : B.O.V. : S.U.I. : A.V.E.S. | | MUNICÍPIO | | SETOR 40 | | CULTURAS : / / / E / / / | | ESPAÇOS : A.Ocupada : % A.Ocup : PROP : % PROP : A.L.F. : % A.L.F. : A.L.T. : % A.L.T. : F.Ocu : TRAT. : B.O.V. : S.U.I. : A.V.E.S. | | | | | |
| 10 | 160,25 | 6,258 | 24 | 40,77 | 46,68 | 28,490 | 39,20 | 23,824 | 98 | 0 | 37 | 38 | 737 |
| 10 - 50 | 520,00 | 31,699 | 30 | 35,71 | 148,90 | 17,970 | 72,50 | 8,735 | 122 | 0 | 216 | 160 | 912 |
| 50 - 100 | 1206,50 | 46 | | | | | | | | | | | |

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES

80

PROGRAMAS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL INTEGRADO

DIAL DO MUNICIPIO DE SANTA LEOPOLDINA

| EFETOS | A.Ocupada | % A.Ocup | PROP | % PROP | ALP | % ALP | ALT | % ALT | P.OCU | TRAT. | B.O.V | S.U | A.V.E.S |
|--------------|------------------|----------------|-------------|----------------|------------------|---------------|------------------|---------------|--------------|------------|--------------|--------------|---------------|
| 0 - 10 | 4485,32 | 4,204 | 845 | 25,754 | 1345,00 | 29,987 | 1500,02 | 33,443 | 2426 | 39 | 541 | 5073 | 159891 |
| 10 - 50 | 53027,50 | 49,701 | 1945 | 59,281 | 7257,38 | 13,686 | 9015,01 | 17,001 | 7745 | 283 | 6035 | 17161 | 542727 |
| 50 - 100 | 26381,40 | 24,726 | 388 | 11,826 | 2667,07 | 10,110 | 2734,94 | 10,367 | 2031 | 82 | 3446 | 5358 | 134317 |
| 100 - 500 | 16203,30 | 15,187 | 97 | 2,956 | 1242,61 | 7,669 | 913,83 | 5,640 | 917 | 36 | 3542 | 1292 | 37249 |
| 500 - 1000 | 3060,42 | 2,868 | 4 | 0,122 | 107,00 | 3,496 | 121,60 | 3,973 | 112 | 5 | 1202 | 20 | 63528 |
| 4 - 1000 | 3536,08 | 3,314 | 2 | 0,061 | 490,98 | 13,885 | 487,00 | 13,772 | 21 | 1 | 81 | 0 | 16 |
| TOTAL | 106694,00 | 100,000 | 3281 | 100,000 | 113711,40 | 12,851 | 115494,20 | 14,522 | 14006 | 501 | 15476 | 31738 | 975166 |

